

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**EMERSON RICARDO ARAÚJO**

**A RETÓRICA BÉLICA DA IURD: UM ESTUDO SOBRE AS POSTAGENS DA  
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NO TWITTER**

**CURITIBA**

**2022**

**EMERSON RICARDO ARAÚJO**

**A RETÓRICA BÉLICA DA IURD: UM ESTUDO SOBRE AS POSTAGENS DA  
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NO TWITTER**

**IURD's war rhetoric: a study on Twitter posts from the Igreja Universal do  
Reino de Deus**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maurini de Souza.

Coorientador(a): Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes.

**CURITIBA**

**2022**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação**  
**Universidade Tecnológica**  
**Federal do Paraná**  
**Campus Curitiba**



EMERSON RICARDO ARAUJO

**A RETÓRICA BÉLICA DA IURD: UM ESTUDO SOBRE AS POSTAGENS DA  
IGREJA UNIVERSAL DOREINO DE DEUS NO TWITTER**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

**Data de aprovação: 18 de Abril de 2022**

Dra. Maurini De Souza, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Aryovaldo De Castro Azevedo Junior, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Maria De Lourdes Rossi Remenche, Doutorado - Universidade Tecnológica

Federal do ParanáDr. Zama Caixeta Nascentes, Doutorado - Universidade

Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 20/04/2022.

Dedico este trabalho à minha família, pelas inúmeras horas de necessária ausência, pela infinita compreensão, respeito e apoio irrestrito durante todo o percurso.

## AGRADECIMENTOS

Incontáveis foram as pessoas que tiveram alguma participação direta e indiretamente nesta caminhada. Seria impossível em espaço tão exíguo mencionar todos que me incentivaram, me motivaram ou me inspiraram a trilhar este percurso, então, a menção a muitos será em caráter generalista, sem que isso torne menos significativa ou menos valiosa sua contribuição.

Agradeço então à minha orientadora e agora amiga, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maurini de Souza, sempre paciente diante de meus questionamentos e disponível para os necessários esclarecimentos e eventuais mudanças de rota.

Ao co-orientador, Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes, pela rigidez na cobrança e condução, permitindo que minhas palavras refletissem com mais clareza as ideias que seriam a base deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, com quem tive o prazer de ter aulas, pelas discussões esclarecedoras e pelo aprendizado delas decorrentes.

Aos membros da banca, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Rossi Remenche e ao Prof. Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior, pelas observações e sugestões que redirecionaram meu olhar para esta pesquisa e contribuíram para que eu concluísse o trabalho com mais segurança.

Aos professores e amigos feitos durante todo meu percurso acadêmico que de algum modo contribuíram na construção de conhecimento que me trouxe para este momento.

A todos os colegas de curso que em razão do distanciamento forçado, por causa da pandemia de COVID-19, não mediram esforços em cooperar e se amparar mutuamente, e muito embora distantes, sempre se mantiveram próximos (graças à tecnologia) e disponíveis para confortar e ajudar os amigos na dura jornada.

## RESUMO

O presente trabalho analisa as formas de interação entre a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD - no Twitter, por meio de seu perfil oficial no Brasil, de modo a identificar as estratégias utilizadas para se comunicar, as marcas distintivas da formação discursiva na qual a igreja está inscrita e buscar a identificação do sujeito da fala na IURD evidenciado pelo belicismo nas postagens na rede social. Para isso, utiliza a teoria da Análise do Discurso Francesa (ADF) como base, a fim de entender como o discurso da IURD se inscreve no contexto social brasileiro, em especial no espaço virtual do Twitter, e, uma vez que a questão da religiosidade se insere em diferentes discursos, remetendo a vários sujeitos sociais de distintas formações discursivas, confrontamos esses discursos para, desta maneira, submetê-los à proposta da AD. O percurso metodológico seguido ampara a análise de postagens de caráter bélico, feitas no perfil oficial da IURD no Twitter nos últimos dois anos, para se observar como a linguagem revela as posições assumidas a partir do discurso empregado ou mesmo pelo silenciamento de seu enunciador.

Palavras-chave: Análise do Discurso Francesa, discurso bélico, Igreja Universal do Reino de Deus, pentecostalismo, Twitter.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the forms of interaction between the Igreja Universal do Reino de Deus - IURD on Twitter - through its official profile in Brazil - and its attenders and/ or followers, in order to identify the strategies used to communicate, the distinguishing marks of the discursive formation in which the church is inserted and seeks to identify the subject of speech in the IURD.

For that, it uses the French Discourse Analysis (FDA) theory as support, in order to understand how the IURD's discourse is inscribed in the Brazilian social context, especially in the Twitter virtual space, and since the issue of religiosity inserts itself in different discourses, referring to various social subjects of different discursive formations, we confront these discourses to, in this way, submit them to the DA proposal.

The methodological path followed supports the analysis of posts of a militaristic nature, made in the official profile of the IURD on Twitter in the last two years, in order to observe how the language reveals the positions taken from the discourse used or even from the silencing of its enunciator.

Keywords: French Discourse Analysis, belicist discourse, Universal Church of the Kingdom of God, pentecostalism, Twitter.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1: Mensagem postada pela IURD em 28/09/2021 .....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 2: Postagem da IURD no Twitter em 22/06/2019 .....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 3: Postagem da IURD no Twitter em 08/04/2021 .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 4: Diagrama Regra dos terços.....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 5: Fotografia - Regra dos terços .....</b>	<b>68</b>
<b>Figura 6: Postagem da IURD no Twitter em 21/05/2021 .....</b>	<b>70</b>
<b>Figura 7: Postagem da IURD no Twitter em 26/08/2021 .....</b>	<b>71</b>



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1: Evolução da população evangélica no Brasil conforme o Censo IBGE 2010.....</b>	<b>22</b>
<b>Quadro 2: Quantidade de evangélicos pentecostais no Brasil e proporção em relação às denominações pentecostais .....</b>	<b>22</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>NEOPENTECOSTALISMO E IURD .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Origens e distinções .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>A estrutura do poder na IURD .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>O papel dos meios de comunicação (e o uso deles) na expansão da IURD</b>	<b>21</b>
<b>2.4</b>	<b>Guerra midiática e consolidação sociopolítica.....</b>	<b>24</b>
<b>2.5</b>	<b>A cotidiana batalha contra o diabo .....</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, CIBERCULTURA E AS CARACTERÍSTICAS DO TEMPO REPRESENTADAS PELA IURD .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1</b>	<b>Tecnologias da pós-modernidade e o Twitter.....</b>	<b>35</b>
<b>3.2</b>	<b>Das características e semelhanças entre o flâneur e o pesquisador</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>PERCURSO DE ANÁLISE .....</b>	<b>44</b>
<b>4.1</b>	<b>AD francesa (não-dito, pré-construído e ideologia) .....</b>	<b>44</b>
<b>4.2</b>	<b>O discurso bélico e as marcas ideológicas no discurso .....</b>	<b>47</b>
<b>4.3</b>	<b>Memória Discursiva e evocação de saberes no contexto religioso.</b>	<b>53</b>
<b>4.4</b>	<b>O belicismo legitimador da cotidiana batalha contra o mal .....</b>	<b>54</b>
<b>4.5</b>	<b>A IURD a seu papel de Aparelho Ideológico do Estado .....</b>	<b>57</b>
<b>4.6</b>	<b>O não-dito e o pré-construído .....</b>	<b>58</b>
<b>4.7</b>	<b>Postagens no Twitter .....</b>	<b>60</b>
<b>4.8</b>	<b>Análise do pré-construído .....</b>	<b>62</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
	<b>ANEXO A - Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.....</b>	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O histórico do neopentecostalismo e da Igreja Universal do Reino de Deus, apresentado neste trabalho, apoia-se na pesquisa de Ricardo Mariano, publicada no livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, de 1999. A obra foi resultado de sua dissertação de mestrado no departamento de sociologia da Universidade de São Paulo, em 1995, e oferece um material para compreensão de como o neopentecostalismo se estrutura e participa da vida social e política do Brasil e sobre o papel exercido pela IURD neste contexto.

Fundada em 1977, por Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes, a Igreja Universal do Reino de Deus inicialmente realizava seus cultos e pregações em praças e em espaços cedidos por fiéis, em suas casas. Aos poucos, a liderança da IURD começa a alugar salas pequenas para acomodar seus cultos e com a rápida expansão decorrente da locação de horários em emissoras de rádios, passa a alugar salas de cinemas e de teatros desativados.

Os primeiros anos da década de 1980 testemunharam o crescimento exponencial da Universal, impulsionado pela aquisição de emissoras de rádio e pela abertura de diversos templos em todo o país. Estádios de futebol e ginásios de esportes passaram a ser alugados para grandes encontros promovidos pela igreja. O estímulo ao pagamento de dízimo e doações dos fiéis era observado nesses eventos, com diversos pastores, pregadores e até bispos andando em meio à multidão com sacos nos quais eram depositados joias, dinheiro e demais itens de valor que os fiéis ofertavam à IURD.

Após consolidar seu poderio no meio evangélico, a Universal adquiriu a Rede Record de TV, e passou a direcionar sua atenção à política, de maneira mais ostensiva. A eleição de candidatos com seu apoio e de membros da igreja a partir da década de 1980 serviu aos seus propósitos de preservar suas concessões de rádio e TV e defender seus interesses em todas as esferas de poder, do âmbito municipal ao federal (Mariano, 2014).

Considerando a complexidade da natureza do objeto analisado, para o necessário apoio teórico, no âmbito da linguagem, dentre os autores que conduziram os pensamentos para esta abordagem, está Georg Steiner (1988). Segundo ele, as guerras e a fome na Europa e na Rússia entre 1914 e 1945 teriam sido responsáveis pelo extermínio de aproximadamente 70 milhões de vidas, provocando com isso uma

ruína dos valores humanos nunca vista antes, com conseqüente fragmentação da linguagem.

Segundo ele, tal fragmentação é resultado da ruína de tudo o que constitui o indivíduo envolvido em tais acontecimentos, seja em seus valores, no seu reconhecimento como sujeito ou na compreensão de que nada do que possa fazer ou pensar poderá alterar seu contexto. Isto representaria o silenciamento do indivíduo, provocado pela incapacidade do homem de abstrair o horror provocado pela barbárie humana. A linguagem não seria então suficiente para descrever o potencial destrutivo do homem ou as conseqüências de suas vontades.

O autor denuncia também a cumplicidade dos produtores culturais e pensadores, que, em certa medida, deveriam representar uma oposição à barbárie instaurada, mas o que se viu foi o contrário, com a adesão de alguns artistas à ideologia dominante. Em certo aspecto, a produção cultural acabou voltando-se para as ciências, vendo nesta a beleza do seu potencial transformador em relação à sociedade. Entretanto, as ciências e a matemática não foram suficientes para melhorar o humano, haja vista a capacidade destrutiva destas e a incapacidade em entender as motivações dos que as usam como instrumento de morte, tarefa somente possível de se analisar pela poesia.

Considerando o contexto atual de produção cultural e acelerada disseminação de informações pelos novos meios de comunicação, percebe-se um paralelo entre as ponderações de Steiner acerca do silenciamento e da fragmentação da linguagem com os fenômenos contemporâneos, de significativas mudanças nas formas pelas quais nos comunicamos e nas transformações promovidas nas linguagens, como conseqüência do acesso crescente às múltiplas redes sociais existentes. Também ratifica a postura do autor por trazer à tona elementos que apontam para a manutenção do discurso bélico mesmo após toda a barbárie das grandes guerras e mesmo após tanta evolução, no caso presente, na tecnologia da Comunicação.

Neste cenário, esta pesquisa estuda as interações entre representantes da Igreja Universal do Reino de Deus no serviço de microblog Twitter, buscando entender o “não dito” (ORLANDI, 2003) e a formação linguística e ideológica do sujeito que emerge dos posts analisados. Para isso, faz uso da análise do pré-construído da linguagem bélica encontrada, a partir da memória discursiva do sujeito enunciador, seguindo a metodologia de Pecheux (2006) e Orlandi (2003), da linha teórica da Análise do Discurso Francesa.

Este empenho se justifica como pesquisa científica do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, na linha de pesquisa Linguagens, Estéticas, Tecnologia, Sociedade, em razão do uso que a IURD faz da linguagem mediada pela tecnologia e pelo papel social relevante que o grupo de lideranças e fiéis da igreja representam em nossa sociedade, como será demonstrado no próximo capítulo. Tais aspectos estão em consonância com o que buscamos apresentar neste trabalho.

Como parte da revisão bibliográfica, em bancos de trabalhos científicos, encontrou-se pesquisas consoantes a esta no sentido de analisar os métodos de persuasão da IURD, como em:

- *Estratégias de persuasão em um discurso religioso neopentecostal*, tese de Doutorado em Linguística defendida por Alex Antonio Peña-Alfaro (2005), que analisa os meios pelos quais as ideias da IURD são transmitidas, suas estratégias argumentativas nas pregações em seus cultos, em campanhas publicitárias e nos demais modos utilizados para se comunicar com os seus fiéis.
- *Igreja Universal do Reino de Deus - Uma análise de argumentação em perspectiva discursiva*, dissertação defendida por Sheila Elias de Oliveira (1998), para o título de Mestre em linguística, que investiga o discurso dos pastores da Universal em dois programas de TV, veiculados pela Rede Record, O Santo Culto em seu Lar cuja temática é a identidade cristã, e Palavra de Vida, que aborda a prosperidade.
- *As religiões afro-brasileiras no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus: A reinvenção do Demônio*, dissertação de Júlio César Tavares Dias (2012) para o título de Mestre em Ciências da Religião, a qual analisa a demonização das religiões afro-brasileiras, por meio de rituais de exorcismo e de pregações em que evidenciam o preconceito e a intolerância em suas práticas devocionais.
- *Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo*, artigo de Claudia Wolff Swatowski, publicado na revista Religião & Sociedade, nº 27 (2007), em que a autora aborda, a partir da análise do livro de Edir Macedo, Os mistérios da fé, as marcas distintivas do discurso do fundador da IURD e sua prática discursiva, bem como procura identificar como elas se fazem presentes em suas estratégias de dominação do seu campo.

O diferencial deste trabalho com os encontrados na revisão bibliográfica é que, em nossa abordagem, refletimos sobre o discurso bélico presente nas mensagens dirigidas aos fiéis da igreja, remetendo à ideia de uma constante batalha. Para isso, a instituição faz uso das novas tecnologias de comunicação, como as redes sociais - em especial a rede de microblog Twitter - que se apresentam, nos últimos anos, como ferramentas para a disseminação de práticas e discursos proselitistas, conforme abordamos nesta pesquisa.

A escolha do Twitter deu-se em razão de que a plataforma, não obstante o número menor de usuários em relação ao Facebook ou Instagram, é bastante acessada desde o início de suas atividades por formadores de opinião das mais diferentes correntes de pensamento, os quais já utilizavam os blogs e os meios de comunicação tradicionais para se comunicar com seu público.

O volume menor de seguidores, interações e postagens facilitou o recorte que escolhemos - já que se tratou de uma pesquisa de caráter interpretativista - em detrimento de um recorte temporal, que poderia limitar a possibilidade de contarmos com um material de análise como o que estudamos, o qual nos forneceu muitos elementos, cuja simbologia reforça o aspecto belicista da linguagem iurdiana e seu caráter agregador junto a sua audiência

O capítulo 1 apresenta o pentecostalismo, com as principais distinções entre as suas correntes no Brasil com destaque para o neopentecostalismo e a IURD. Na sequência, tratamos das características da modernidade, pós-modernidade, cibercultura e do tempo, haja vista a presença e o uso do ambiente virtual e de suas ferramentas interacionais pela IURD.

Posteriormente, discutimos o referencial metodológico norteador desta pesquisa, a AD Francesa, discorrendo sobre os aspectos ideológicos enquanto constituintes do discurso e da formação discursiva do enunciador, para então proceder a análise das mensagens postadas pela IURD no Twitter no ano de 2021, selecionadas por conterem elementos que indicam o caráter beligerante do discurso.

E finalmente, trazemos nossas considerações finais acerca do tema pesquisado, das evidências encontradas, indicativas da belicosidade do discurso e da ideologia do sujeito enunciador, bem como abordamos as possíveis contribuições que este trabalho traz para a compreensão dos métodos empregados pelos mais diversos atores sociais, para a construção de seus discursos.

## **2 NEOPENTECOSTALISMO E IURD**

Para facilitar a compreensão do modo como se insere a Igreja Universal do Reino de Deus no grupo de denominações religiosas que se convencionou chamar neopentecostalismo, faz-se necessário estabelecer certas distinções entre as diferentes vertentes religiosas e a igreja fundada pelo Bispo Edir Macedo.

Inicialmente, convém destacar que a história mundial do protestantismo compreende três diferentes correntes: a puritana, a metodista e a pentecostal. Nosso interesse nesta pesquisa está centrado no pentecostalismo e entendemos que a forma mais didática para se compreender como se distinguem os movimentos pentecostais no Brasil é a classificação usada por Mariano, que se baseia em discussões de outros especialistas acerca das tipologias: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo.

A divisão do pentecostalismo em três correntes segue o propósito de se ordenar o campo religioso em que se insere a IURD, objeto desta investigação, e não de buscar definições fechadas acerca de tão complexas denominações. Para isso, cumpre-nos delimitar o campo no qual se insere a igreja fundada por Edir Macedo no dinâmico, complexo e diverso universo pentecostal.

### **2.1 Origens e distinções**

Segundo Mariano (2014), o pentecostalismo clássico é representado pelas duas primeiras igrejas pentecostais do Brasil, a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. A Congregação Cristã foi fundada em São Paulo e no Paraná, pelo missionário italiano Luigi Francescon em 1910, e a Assembleia de Deus em 1911, em Belém do Pará, pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, todos eles influenciados pelo teólogo norte-americano William Durham.

Mariano as classifica como clássicas em razão do pioneirismo de ambas. Adota, deste modo, a tipologia norte-americana, que assim designa as primeiras denominações surgidas no início do pentecostalismo, nos Estados Unidos, além do fato de seus fundadores se inspirarem em William Durham.

Ambas se caracterizavam desde o início pela crença na iminente volta de Cristo e na glossolalia (dom de línguas), pelo anticatolicismo, pelo ascetismo - que consiste em ignorar os prazeres do corpo e bens materiais com vistas à redenção espiritual - e pelo sectarismo, que é a intolerância em relação a outras crenças.

Valorizavam a formação teológica de seu corpo clerical, distanciando-o dos fiéis leigos. Inicialmente, seus membros eram, em sua maioria, pobres e de pouca escolaridade.

O deuteropentecostalismo surge entre as décadas 1950 e 1960, com a fragmentação dos grupos que constituíam o pentecostalismo clássico, que rompem com certas tradições e dogmas defendidos pelos seus antecessores, como a glossolalia e o ascetismo. As principais representantes desta segunda onda pentecostal são: Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo e Deus é Amor.

Esta nova corrente trouxe o que Mariano categorizou como “(...) inovações evangelísticas” (2014, p. 32), com a introdução do uso do rádio para as pregações, de cinemas, tendas, teatros e estádios. O dom de línguas foi substituído pelo dom da cura, crença também difundida em outros continentes, onde denominações similares iniciaram seu processo de expansão, como na Ásia, África e América Latina. Outra razão para o rompimento foi a adoção por estes grupos da Teologia da Prosperidade.

Com a modernização do Brasil a partir dos anos 1970 e a mobilidade social de parte dos fiéis, que lhes permitiu o acesso a novos bens de consumo, serviços, lazer e entretenimento, as igrejas foram instadas a reformular sua doutrina ou perder espaço para as demais, que se mostrassem mais flexíveis.

Diferente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reúnem condições econômicas de desfrutar das coisas boas que o mundo podia oferecer. Para isso, (...) era preciso substituir suas concepções teológicas, que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna, o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, (...) com o surgimento da Teologia da Prosperidade. (MARIANO, p. 149)

A nova doutrina reinterpretou os ensinamentos do Evangelho, adequando-se às demandas por soluções de problemas financeiros dos fiéis e para satisfação das novas necessidades advindas do desenvolvimento econômico do país. Surgida nos Estados Unidos na década de 1940, a Teologia da Prosperidade apenas se constituiu como movimento doutrinário durante a década de 1970, no interior de grupos evangélicos carismáticos daquele país, muito embora já estivesse difundida em vários países do mundo, como no Brasil, por meio do trabalho de missionários americanos.

Segundo esta nova leitura das escrituras, a humanidade foi libertada do pecado original e das maldições da lei de Moisés, das doenças e da pobreza pelo sacrifício de Cristo. Assim, a fé é o único elemento que permite o alcance das bênçãos



prometidas por Deus a Abraão. Por meio dela, cabe aos cristãos determinarem oralmente aquilo que desejam, em nome de Jesus, que seus objetivos serão alcançados.

Mariano (2014, p. 154) defende que a Teologia da Prosperidade determina o triunfo da fé sobre o diabo, pois ele é o inimigo a ser combatido, o único obstáculo entre o fiel e aquilo a que ele já tem direito por meio do martírio de Cristo. E aqueles que não se livraram da pobreza, da doença e da infelicidade, sofrem de ação demoníaca, seja pela falta de fé ou por ação direta das forças do mal.

A Igreja do Evangelho Quadrangular é uma das principais representantes do deuteropentecostalismo. Foi fundada nos anos 1920 por Aimee Semple Macpherson. Sua expansão e representatividade, no Brasil, deu-se a partir da Cruzada Nacional de Evangelização, na década de 1950, por meio de dois missionários norte-americanos, ex-atores de Hollywood, Harold Williams e Raymond Boatright, representantes da International Church of The Foursquare Gospel.

O neopentecostalismo tem como expoente a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, por Edir Macedo. Tanto a IURD como as demais neopentecostais (Igreja Internacional da Graça de Deus, Cristo Vive, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Comunidade da Graça, Renascer em Cristo e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo) se diferenciam das pentecostais anteriores por não serem tão sectárias no que diz respeito aos hábitos, costumes e vestuário. Se distinguem assim do deuteropentecostalismo e do pentecostalismo clássico, os quais ainda são muito conectados a suas tradições teológicas, estéticas e litúrgicas, conforme destaca Mariano:

O neopentecostalismo rompe com o legalismo pentecostal (...) e sua tradicional proposição de que o estado de santidade daquele que é vaso e instrumento do Espírito Santo se reverte em distinções ascéticas na aparência do crente. Distinções que seriam simbolizadas pela nova identidade negadora de vaidades, prazeres e modismos mundanos. No papel de maiores contestadoras dos tradicionais e ascéticos costumes pentecostais destacam-se as igrejas Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, que, ao encabeçarem o movimento gospel, tornaram os ritmos profanos da moda poderosos instrumentos de evangelização de jovens. (2014, p. 45).

Outra característica pontuada pelo autor é que, tanto para o catolicismo quanto para o protestantismo mais tradicional – representado pelas correntes puritana e metodista – a figura do Diabo é tratada como uma metáfora, uma abstração, não havendo entre eles a crença em forças do demônio ou em curas milagrosas.

O pentecostalismo, porém, faz uso de práticas ritualísticas de caráter mágico e da crença no poder da libertação e subjugação dos demônios por meio da fé (MARIANO, 2014, p. 110). Os neopentecostais, por sua vez, não apenas creem em poderes divinos para curas de doenças ou expulsão de demônios, mas também atribuem ao Diabo e suas hostes de demônios os males do mundo.

## **2.2 A estrutura do poder na IURD**

A existência de bispos no quadro de pastores da Universal revela a característica episcopal do seu governo eclesiástico. Assim, sua estrutura hierárquica é vertical, centrada no líder máximo, seu fundador, que ainda em 1980 assumiu a liderança, que até então estava nas mãos do cunhado Romildo Soares, o qual deixaria a Universal no mesmo ano para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus.

A dedicação dos pastores deve ser intensa, com abandono da sua vida particular, rotina, estudos, trabalho e eventualmente até da família. “Pastores casados sem filhos e aqueles prestes a se casar são incentivados a fazer vasectomia para poderem se dedicar exclusivamente à obra divina” (MARIANO, 2014, p. 61).

Há na Universal os pastores nomeados e os consagrados. Em 1995 (período da pesquisa de Mariano) os nomeados eram em torno de 10 mil. Estes são jovens, geralmente, e só podem trabalhar como auxiliares, sem poder celebrar casamentos, batismos nem conduzir a Ceia do Senhor (rito realizado semanalmente, com pão e suco de uva, simbolizando o corpo e o sangue de Jesus).

Os pastores consagrados (em 1995 eram em torno de 4500) devem ser casados, precisam “ter a vocação ministerial comprovada pelo Espírito Santo e, sobretudo, ser bons arrecadadores de dízimos e ofertas, aptidão vista pela liderança como sinal inequívoco de que seu ministério está “abençoado” por Deus” (MARIANO, 2014, p. 62). Também as esposas devem se dedicar à vida congregacional, participando dos cultos, ajudando na limpeza do templo e auxiliando o marido em seus afazeres, sendo também discretas e submissas ao esposo.

Tanto os pastores quanto os bispos (aproximadamente 100 à época) têm uma boa remuneração, relacionada aos seus resultados em suas congregações, as quais têm em média três pastores, sendo um titular e dois auxiliares. As chamadas congregações são os templos, o respectivo local de atuação e seus membros naquela região. Os pastores auxiliares, por outro lado, têm uma ajuda de custo, ao invés de salário.

Além da remuneração, as despesas cotidianas de pastores consagrados e bispos são todas custeadas pela IURD, mediante prestação de contas. Os salários de pastores e bispos são dos segredos mais bem-guardados da Universal, mas estes gozam de uma vida confortável, muitos deles têm direito a casa, carro, telefone, plano de saúde e escola paga para os filhos. Porém, os bens não lhes pertencem, são todos de propriedade da igreja, para uso de seus líderes enquanto assim permanecerem.

Segundo Mariano, em relação “à mobilidade na hierarquia eclesiástica, há forte correlação entre capacidade de arrecadação de recursos e promoção” (2014, p. 63), sendo que os mais bem-sucedidos têm suas demandas mais facilmente atendidas e conseguem acesso mais facilmente a programas de rádios e espaço na TV, além de serem promovidos para conduzirem templos maiores.

As congregações são administrativamente subordinadas a lideranças regionais, que são representadas por pastores ou bispos de congregações maiores, e estas a líderes estaduais, que prestam contas à administração central. Os pastores não possuem autonomia e não administram os recursos que arrecadam. Além de não serem escolhidos pelos fiéis, passam por um sistema de rodízio, permanecendo no máximo dois anos em cada congregação.

Há conselhos e grupos de bispos que administram e tomam decisões, como em uma grande corporação, mas para os assuntos mais importantes, segundo Mariano, a última palavra é sempre de Edir Macedo. O poder hierárquico tem na base de sua estrutura o Conselho de Pastores, o qual se subordina ao Conselho de Bispos do Brasil e este ao Conselho Mundial de Bispos, a instância máxima da Universal (MARIANO, 2014, p. 64). O principal objetivo da instituição é atuar como uma empresa, buscando aumentar sua lucratividade e ampliar suas áreas de atuação, em uma seara de ampla concorrência, que é o mercado religioso no Brasil.

### **2.3 O papel dos meios de comunicação (e o uso deles) na expansão da IURD**

O uso dos meios de comunicação de massa foi de vital importância para a IURD se expandir. No início dos anos 1980, alugava horários de poucos minutos em emissoras de rádio – a primeira emissora de rádio onde veicularam sua mensagem foi a Rádio Copacabana (15 minutos) – e em pouco tempo, já possuía programas em diversas emissoras do Rio de Janeiro, com 27 programas em 1983.

Em 1984 a Universal comprou sua primeira emissora, a Rádio Copacabana e em 1990 já possuía emissoras em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais,

Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná. Este, porém, não foi o feito mais grandioso da igreja no âmbito das comunicações.

A partir de 1989 o patrimônio da Universal não parou de crescer, sempre com a ajuda de sua membresia. Em 1989 comprou a Rede Record de Rádio e TV. Além do permanente estímulo ao pagamento do dízimo, campanhas de doações foram veiculadas nas emissoras de rádio da igreja e em programas de TV, com os fiéis sendo estimulados a doarem dinheiro, joias, economias e demais bens de que dispunham.

Do mesmo modo que o poder midiático da IURD cresceu, aumentou também a população evangélica no Brasil, aqui incluídos os puritanos, metodistas e pentecostais, conforme dados do Censo IBGE 2010 demonstrados no quadro a seguir:

**Quadro 1: Evolução da população evangélica no Brasil conforme o Censo IBGE 2010**

<b>População evangélica no Brasil</b>	
1980	6,6%
1991	9,0%
2000	15,4%
2010	22,2%

Fonte: IBGE 2010

Se entre boa parte das denominações evangélicas o aumento já foi considerável, o Censo IBGE 2010 demonstrou também que a IURD foi a que mais cresceu em número de fiéis, proporcionalmente, entre os anos de 1991 e 2000, em relação às demais pentecostais. O quadro abaixo traz as denominações pentecostais que mais cresceram neste período e dentre elas, a única neopentecostal que apresentou crescimento nas pesquisas realizadas foi a Universal.

**Quadro 2: Quantidade de evangélicos pentecostais no Brasil e proporção em relação às denominações pentecostais**

Denominações pentecostais	1991		2000		2010	
	Qtde de fiéis	%	Qtde de fiéis	%	Qtde de fiéis	%
Assembleia de Deus	2.439.770	29,8	8.418.154	47,5	12.314.410	48,5
Congregação Cristã no Brasil	1.635.985	20	2.489.079	14	2.289.634	9
Igreja do Evangelho Quadrangular	303.267	3,7	2.101.884	11,9	1.873.243	7,4
Igreja Universal do Reino de Deus	268.955	3,3	1.318.882	7,4	1.808.389	7,1
Deus é Amor	169.343	2,1	774.827	4,4	845.383	3,3
Igreja Maranata	64.578	0,8	277.352	1,6	356.021	1,4
Outras	3.297.768	40,3	2.353.369	13,3	5.883.404	23,4
<b>Total</b>	<b>8.179.666</b>	<b>100</b>	<b>17.733.547</b>	<b>100</b>	<b>25.370.484</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE 2010

No Censo de 1991 a IURD possuía, entre as denominações pentecostais das três correntes (pentecostais clássicas, deuteropentecostais e neopentecostais), 3,3% dos fiéis e passou a ter 7,4% em 2000, enquanto a Assembleia de Deus (pentecostal clássica), que possuía um quadro maior de membros, passou de 29,8% para 47,5% no mesmo período. Proporcionalmente, a representatividade da IURD teve um crescimento porcentual, neste período, superior a 120% enquanto o da Assembleia de Deus foi de aproximadamente 60%. Significa dizer que para cada 1000 fiéis que a Universal possuía em 1991 outros 1200 uniram-se à denominação até o ano de 2000, enquanto para cada 1000 frequentadores da Assembleia, o número de novos adeptos foi em torno de 600 novos fiéis.

Isso leva a crer que o fenômeno midiático em que a Universal se tornou pode ter auxiliado na sua conquista de capital político e de influência. As estratégias para propagação de sua mensagem (por meio do aluguel de horários nas emissoras de rádio, de programas televisivos, compra de emissoras de rádio e posteriormente de uma rede de televisão, em um período de menos de 20 anos da sua fundação) comprovam o sucesso e explicam o crescimento da igreja de Macedo, conforme os dados do IBGE demonstram.

A compra de imóveis e a construção de novos templos, a partir de então, ajudaram a ampliar o poderio econômico da IURD, mas foi por meio da compra de veículos de comunicação que seu crescimento passou a ser exponencial. Entre os motivos da utilização de emissoras de rádio para a transmissão de cultos ou de programas proselitistas está a sua capacidade de atingir um grande volume de pessoas e estas, em sua maioria encontram-se entre as classes mais humildes da população, os quais são normalmente mais propensos a aceitar a conversão proposta pela IURD, haja vista sua situação de desamparo. Segundo dados da pesquisa Novo Nascimento, realizada pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião) no Grande Rio, na década de 1990, citada por Mariano:

(...) 63% dos fiéis da Universal ganham menos de dois salários mínimos e 28% entre dois e cinco salários. (...) 50% têm menos de quatro anos de escolaridade e 85% não passaram do primário. (...) Por piores que sejam os indicadores sociais brasileiros, os membros da Universal têm renda e escolaridade bem inferiores às da população. São, portanto, os muito pobres e marginalizados que fazem a fortuna da Universal. (p. 59)

É premente destacar que esses dados disponibilizados por Mariano não fogem da situação nacional do país; de acordo com reportagem da UOL sobre

pesquisa dos institutos Oxfam e Datafolha, 70% dos brasileiros recebem menos de dois salários mínimos. O que se destaca nesses dados é justamente o cenário em que a opulência e o poder econômico da Universal em contraste com a condição social simples e de pouca educação de grande parte de seus membros. Mariano atribui parte deste fenômeno à escolha do rádio para propagação de sua mensagem, um meio de comunicação popular e com grande capacidade de penetração em todas as classes sociais, em especial nas mais humildes. (MARIANO, 2014, p. 65)

#### **2.4 Guerra midiática e consolidação sociopolítica**

Embora à época de sua fundação a liberdade religiosa fosse como hoje um valor inquestionável no Brasil, uma vez que a Constituição Federal já estabelece este direito aos cidadãos, membros da Universal queixavam-se frequentemente de preconceito e de perseguição em razão de sua fé. Acusavam a imprensa, a Rede Globo, a Igreja Católica, as religiões de matriz africana e a esquerda política, aqui entendida como o Partido dos Trabalhadores (PT). Eram qualificados pelos líderes da IURD como adoradores do Diabo e como seus representantes na Terra.

Em certa medida, suas reclamações contra a mídia faziam sentido. Segundo Mariano, o aumento da presença da IURD no meio midiático, a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, provocou reação das corporações de mídia, que passaram a usar de seus meios disponíveis para desqualificação da instituição, perseguição política e investigação de suas controversas práticas de conversão e, principalmente, de arrecadação de doações de seus fiéis. Críticos católicos e protestantes de igrejas tradicionais também partiram para a ofensiva, para devolver os ataques que recebiam dos pastores da Universal e do próprio Edir Macedo.

Um episódio emblemático destacado por Mariano (2014, p. 70), para ilustrar a batalha empreendida por outros representantes da mídia tradicional contra a Universal foi protagonizado pela Rede Globo e pela extinta Rede Manchete, em 1990, quando estas dedicaram um programa inteiro - Globo Repórter e Documento Especial - contendo uma série de reportagens em que criticavam a igreja, ridicularizavam seus membros e exibiam preconceito contra a credence popular, destacando a ignorância e a ingenuidade dos seguidores da Universal. Investigaram a vida de pastores, principalmente de Edir Macedo, pondo em dúvida seus métodos, seus rituais e questionando sua integridade.

Em 24 de maio de 1992 Macedo foi preso, sob as acusações de charlatanismo, curandeirismo e estelionato (MARIANO, 2014, p. 75). Sua prisão foi cinematográfica, com ampla cobertura da mídia tradicional e o sensacionalismo que o episódio merecia, de acordo com as linhas editoriais dos veículos que a cobriam.

A comoção entre os crentes da Universal foi imensa e a acusação de perseguição e intolerância religiosa tornou-se a tese mais defendida por eles. Programas de rádio foram gravados na prisão, em cujas ocasiões Edir Macedo reafirmava a perseguição que sofria e pedia mais sacrifícios à membresia, na forma de orações, dízimos e mais ofertas.

Num culto de ação de graças pela soltura do chefe (...), pastor Renato Suhett, que três anos depois sairia da Universal para fundar a Igreja do Senhor Jesus Cristo, pedia dízimos de 20%, alegando que, após grandes perseguições, previstas na Bíblia, Deus tem por hábito conceder aos fiéis bênçãos ainda mais generosas (MARIANO, 2014, p. 77).

A soltura do bispo ocorreu onze dias após sua prisão, quando foi inocentado das acusações. Alguns fatores que permitiram sua libertação foram: o fato de ser réu primário, ter bons antecedentes e nunca ter se negado a prestar esclarecimentos acerca das denúncias que lhe imputavam. A comoção criada com a prisão mobilizou políticos e artistas que se manifestaram contra prisão, e somaram-se a eles o ex-jogador Pelé e o ex-Presidente Lula.

Retomando a perseguição iniciada anos antes, em 1995 a Rede Globo volta ao ataque, exibindo um vídeo produzido cinco anos antes, em que Macedo reúne-se com os líderes da IURD em um ambiente informal, aparentando ser um churrasco de final de semana. Nele o fundador da igreja aconselha-os sobre a melhor forma de convencer as pessoas a fazerem doações (MARIANO, 2014, p. 86). Era o que a mídia da época precisava para aumentar a ofensiva contra a Universal, que a partir de então passou a ser mais agressiva ainda e perdurou por meses em jornais e emissoras de TV.

Apesar das críticas e ataques das corporações de mídia, a IURD manteve seu crescimento e consolidou seu poder midiático, ampliando-o também para o espectro político. Além deste aspecto, um dos fatores que a aproximaram das populações mais carentes foi manter a característica de ser acolhedora, como o fora desde sua fundação, recebendo bem todos que a procuram, indistintamente.

Além da expansão no ambiente dos meios de comunicação, desde 1982 a IURD também se faz presente no ambiente político, lançando candidaturas e manifestando apoio a outras que são simpáticas às suas demandas. Entre seus interesses, aquele que se manifesta sem nenhum pudor pelos seus líderes é a manutenção de suas concessões de rádio e TV, em risco devido à alegada perseguição de que se dizem vítimas. Não escondem nem disfarçam o interesse de que candidato A ou B seja eleito, como o fazem outras denominações, pois promete defender as causas da igreja.

O sucesso político se dá em grande parte pela determinação dos líderes e pela obediência da grande maioria de seus membros. Para se ter uma ideia da expansão do poderio da Universal no campo político-partidário, pode-se observar seu desempenho crescente nas eleições legislativas entre 1986 e 1998. Nas eleições de 1986 a Universal ajudou a eleger um deputado constituinte; em 1990, foram quatro deputados federais e três estaduais; em 1994, seis deputados federais e seis estaduais (MARIANO, 2014, p. 92); e em 1998 a IURD foram 17 deputados estaduais e 26 deputados federais eleitos com o apoio da IURD (Oro, 2002).

## **2.5 A cotidiana batalha contra o diabo**

A IURD foi pioneira em romper com as tradições protestantes, no que diz respeito à supressão da existente mediação entre Deus e os homens, proposta pelas correntes evangélicas tradicionais. Hoje, o neopentecostalismo defende a noção de que ao crente já estão destinadas as alegrias e prazeres do mundo físico, bastando que este se aproprie daquilo a que tem direito, em nome de Jesus.

Neste sentido, a Teologia da Prosperidade é a doutrina adequada para a confirmação desta argumentação, pois assegura ao fiel a melhoria de suas condições de vida, desde que este participe de suas orações, dos rituais de libertação e contribua com o dízimo e eventuais ofertas, e por estas razões, não há atividades assistenciais na IURD. Seus líderes asseveram que o fiel que encontrou Jesus não precisa da caridade de ninguém, embora grande parte de seus membros sejam pobres e necessitem, vez por outra, de apoio dos seus irmãos (MARIANO, 2014, p. 59).

Suas lideranças defendem que a causa da pobreza e demais males é espiritual, e garantem que podem resolvê-los por meio de fé, orações e exorcismo. Deste modo,



o fiel será liberto e poderá se apropriar da prosperidade e felicidade, bastando que se aposses desses privilégios, os quais Jesus já lhe garantiu.

Segundo sua crença, o que acontece no mundo material é resultado da guerra entre forças divinas e diabólicas. Os seres humanos participam desta luta, mesmo que inconscientemente, atuando por um ou por outro dos lados da batalha, e os chamados “crentes”, enfrentam corajosamente as forças do mal pelo poder investido a eles por Deus, para resolver os problemas e acabar com as mazelas, como enfermidades, pobreza e sofrimento, produzidas pelo Demônio e seus defensores.

Sendo então o Diabo o causador dos males e o inimigo a ser combatido para obter-se a glória divina, o combate diuturno se faz necessário, para que o fiel se mantenha liberto e possa satisfazer suas necessidades terrenas. Entende-se então, que o que o afasta do conforto, da riqueza e dos prazeres que os bens materiais podem oferecer-lhe, pode e deve ser derrotado.

A igreja, neste sentido, imprime a si mesma a qualidade de intercessora dos poderes divinos, de modo a poder solucionar os problemas de seus fiéis, que acreditam ser a IURD capaz de resolver suas demandas e garantir-lhes todo o conforto espiritual e material. Segundo Mariano:

O dualismo, a luta entre os reinos celestiais e das trevas, permeia todo o cristianismo e o próprio pentecostalismo clássico. A diferença é que o neopentecostalismo exacerbou esta guerra, sendo acompanhado de perto, mas sem o mesmo impacto por igrejas do deuterpentecostalismo, como Deus é Amor e Casa da Bênção (2014, p. 113).

Se para o pentecostalismo o principal alvo de seu repúdio sempre foi a Igreja Católica, para o neopentecostalismo o inimigo é representado pelas religiões de matriz africana. Por outro lado, para a Universal, que nesta guerra se entende no papel de principal combatente, a luta contra o catolicismo permanece entre seus propósitos, mas de maneira mais agressiva, sua batalha é direcionada aos inimigos comuns aos demais neopentecostais, a saber: a umbanda, o candomblé e o espiritismo. E a identificação do inimigo lhes permite que até elementos simbólicos destas religiões sejam incorporados à sua doutrina e aos seus ritos.

Assim, durante os cultos, com frequência pastores e obreiros identificam algum fiel que apresente (segundo eles) sinais de possessão demoníaca. Deste modo,

procedem o ritual de exorcismo, em que tentam identificar qual é o demônio que se apossou do corpo daquela pessoa e a resposta é sempre o nome de uma entidade do candomblé ou da umbanda. Após orações, imposição de mãos e ordens para que o diabo deixe o corpo daquela pessoa, ela normalmente sai do transe em que se encontra e os pastores e fiéis celebram mais uma vitória contra o mal. (MARIANO, 2014, p. 128)

Tais acontecimentos ocorrem com mais frequência nas chamadas sessões de descarrego, que são cultos realizados pela IURD com o objetivo de expulsar os demônios. A exemplo da Universal, a Casa da Bênção realiza às sextas-feiras a “Campanha contra a macumba” evidenciando sua oposição às crenças e práticas das religiões de matriz africana.

Enquanto os evangélicos, de um modo geral, associam as entidades da umbanda e do candomblé e os espíritos do kardecismo aos demônios, os neopentecostais os veem como responsáveis pelos males, como miséria, vícios, enfermidades e sofrimentos. Baseiam-se em elementos presentes no imaginário popular, como o medo da macumba, da feitiçaria e da magia negra, para relacioná-los aos cultos afro-brasileiros, uma vez que percebem estes como “seus maiores concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para as massas” (MARIANO, 2014, pág.116).

Com base nesta premissa, a Universal assume o papel de protagonista nesta guerra santa, ao ponto de Edir Macedo lançar em 1997 um livro que se tornou best-seller, chamado *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*, no qual defende que o fiel, ao invés de ser passivo, tenha uma atitude ofensiva na luta contra o Diabo buscando conquistar mais território e fiéis para Jesus.

Apesar de Macedo não incentivar em seu livro que os fiéis agridam fisicamente adeptos das religiões de matriz africana, o modo preconceituoso como os trata sugere que estes são instrumentos do mal. Exalta a capacidade de sua igreja de combater orixás, erês, pretos-velhos e as demais entidades que classifica como seres demoníacos. Imbuídos deste espírito justiceiro, os fiéis seguem seus ensinamentos e orientações com a determinação que o líder lhes pede, empreendendo verdadeiras batalhas com a invasão de cultos e destruição de terreiros: “Convictos de que

contribuem para a vitória progressiva do bem sobre o mal, passaram a combater as fortalezas do inimigo para fortalecer o exército divino e gozar das bênçãos decorrentes desse posicionamento” (MARIANO, 2014, p. 122).

### **3 MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, CIBERCULTURA E AS CARACTERÍSTICAS DO TEMPO REPRESENTADAS PELA IURD**

O livro *Condição pós-moderna*, de David Harvey, publicado em 1990, observa, sob um ponto de vista marxista, as mudanças econômicas e de que modo elas contribuirão para a criação de uma cultura capitalista. Discute o modernismo e o pós-modernismo buscando identificar as consequências dos processos culturais e econômicos na arte e no cotidiano dos indivíduos.

Sua concepção de compressão do espaço-tempo a partir do vislumbre da dinâmica emergente decorrente do processo de globalização e de superação das distâncias, permitiu-o defender que as transformações tecnológicas tiveram a capacidade de acelerar os fatos, os níveis de produção industrial e a expansão econômica, convergindo para os processos políticos, tendo estes últimos, vital participação na integração deste estado de coisas ao nosso cotidiano.

Neste sentido, as redes sociais potencializaram a diluição de fronteiras e as barreiras existentes entre os indivíduos e seus ídolos. O Twitter, a exemplo das demais redes sociais como facebook e Instagram, pelo seu potencial agregador e pelo perfil de seus usuários, que costumam ser procurados pelos seguidores para ouvir o que estes falam, permite ao usuário conectar-se e interagir com as pessoas e espalhar as suas mensagens ou a de seus seguidores e seguidos, a partir deste novo fenômeno comunicacional.

E a IURD, como expoente do neopentecostalismo, demonstrou ter habilidade em lidar com as ferramentas comunicacionais para a propagação de sua mensagem, de tal sorte que utiliza também as redes sociais para se aproximar dos seus fiéis, eliminando por meio delas as distâncias físicas ou hierárquicas entre eles e suas lideranças, o que em nosso entendimento, está em consonância com as características da pós-modernidade apresentadas neste capítulo.

A cronologia histórica é um percurso visto por Harvey como imprescindível para compreensão do que representa a modernidade, sempre em analogia ao iluminismo e à pós-modernidade, que, segundo ele, seriam etapas dentro da própria modernidade.

O autor aborda as mudanças estruturais ocorridas a partir do final da década de 1980, em relação aos projetos modernistas arquitetônicos, urbanos, artísticos, filosóficos e morais, contrapondo-as aos princípios do iluminismo, uma vez que este propunha-se a colocar a inteligência humana a serviço do homem; o que se viu foi

diferente disso, culminando com as revoluções industrial e francesa, que se pretendiam glorificadoras do gênio humano e do trabalho e, ao fim, revelaram-se movimentos trituradores de corpos e de ideias e concentradores do poder econômico.

Harvey destaca que algumas das principais características da pós-modernidade encontram-se também na modernidade, tais como o caráter efêmero, transitório, célere e fragmentário das mudanças sociais e as transformações promovidos pelos avanços das ciências. Reforça seu argumento citando Baudelaire, que descreve dessa forma a modernidade: "...escreveu Baudelaire em seu artigo seminal *The painter of modern life* (publicado em 1863), "é o transitório, o fugidivo, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável". (p. 21). Deste modo, não haveria uma ruptura entre ambas, mas uma continuidade.

O autor defende também a existência de um projeto iluminista da modernidade, cujo princípio seria emancipar o homem em relação aos mitos e à natureza, ao mesmo tempo em que devotava uma fé religiosa no progresso. A burguesia e o proletariado seriam dois sistemas de representação que resultaram deste projeto de modernidade, e teriam como consequência as lutas de classes.

Segundo Harvey, uma crise financeira motivada pela acumulação de capital teria sido a primeira evidência de que o projeto iluminista era uma utopia e refletiu-se no aspecto sociológico, nas artes e na filosofia. A solução encontrada para a crise foi a expansão do mercado financeiro e a criação de um volume de capital sem referência a um valor tangível, fazendo com que o dinheiro deixasse de representar fielmente seu valor, princípios estes norteadores das bolsas de valores do mundo contemporâneo.

Ele destaca também a existência de pensadores que eram críticos à modernidade. Cita Adorno e Horkheimer que, em *A dialética do esclarecimento*, defendiam que o projeto que se prometera libertador tornara-se um sistema de dominação. Nietzsche, Shelley e Byron defendiam uma experiência estética subjetiva em oposição à razão subjetiva da modernidade. Max Weber classificava como ilusória a expectativa dos pensadores defensores do projeto iluminista.

Harvey considera legítimas as críticas dos pós-modernos, sobretudo no que diz respeito às diferenças e ao direito de todos poderem falar com suas próprias vozes sobre suas percepções. Porém convida-nos a olharmos além dessas diferenças para que não se perca de vista as motivações e processos que nos movem, sob o risco de sermos impedidos de pensar o capitalismo; percebe em críticos como Foucault e

Lyotard o que seria uma espécie de anarquismo de caráter meramente estético, que resulta no nihilismo.

Segundo ele, a incorporação das diferenças pelo capitalismo resulta no mercado das diferenças, e estas se convertem em mercadorias que costumamos consumir, como restaurantes, filmes, música ou roupas. O mesmo ocorreria com a arquitetura e urbanismo pós-modernos, que se distanciam de qualquer projeto social ou funcional, focando-se somente no gozo propiciado pela experiência estética; trata-se, neste sentido, da superação dos projetos modernistas de desenvolvimento, como decorrência do progresso acelerado e caótico, que impõe ao indivíduo a impossibilidade de lidar com ele somente pelo pensamento racional.

E neste ponto, a análise do discurso de uma instituição religiosa que mescla sua existência ao capitalismo deve ser estudada. Essa aceleração e formato impostos abrangem, neste sentido, instituições reconhecidas por seu conservadorismo, como igrejas. Trata-se de um rompimento de um paradigma segundo o qual as igrejas pentecostais, conforme visto no capítulo anterior, restringiam a participação de seus fiéis na produção de seu discurso, reservando a interpretação das escrituras somente a uns poucos escolhidos, e com a adesão à interatividade proporcionada pelas redes sociais, a IURD chama seus fiéis a se manifestarem sobre os temas abordados pela instituição nas respectivas plataformas.

Retomando Harvey, a década de 1970 traz outra crise econômica resultante das dificuldades que o sistema de produção tem de absorver as transformações geradas pelo próprio capital. A alta dos preços do petróleo, em 1973, aumentou a crise, forçando o governo norte americano e seu sistema financeiro a injetar capital fictício para sustentar a economia e manter o seu crescimento.

O resultado desse colapso para a economia e para as relações sociais é uma tensão de significação e de representação do valor no capitalismo. Do mesmo modo, a criação de um capital fictício acelera o processo inflacionário, dando origem a mais dúvidas e insegurança quanto à representação do valor monetário.

Assim, ao invés de resolver o problema, a medida aprofundou a crise, resultando em deflação, aumento de controle sobre a força de trabalho e o desemprego. Com isso, as condições de emprego e os contratos de trabalho se tornaram mais flexíveis, houve um aumento de rotatividade do emprego e a descentralização das unidades de produção.

Em condições de acumulação flexível, parece que sistemas de trabalho alternativos podem existir lado a lado, no mesmo espaço, de uma maneira que permita que os empreendedores capitalistas escolham à vontade entre eles. O mesmo molde de camisa pode ser produzido por fábricas de larga escala na Índia, pelo sistema cooperativo da "Terceira Itália", por exploradores em Nova Iorque e Londres ou por sistemas de trabalho familiar em Hong Kong. (HARVEY, 2006, p. 175)

Assim, a globalização foi se inserindo nas diferentes organizações; quando se pensa em IURD, observa-se que há um padrão rigidamente seguido por todos os pastores - ou apresentadores - de cultos, reuniões, espetáculos televisionados, com adaptações a culturas específicas que, como uma franquia de McDonalds, conserva o padrão pós-moderno que Harvey vai construindo em sua obra.

O autor define, neste sentido, que o ponto de convergência entre a condição pós-moderna e a acumulação flexível é nossa experiência espaço-temporal; para ele nossa vida é regida pelo tempo e espaço. Concebe o espaço como algo restritivo em relação às potencialidades emancipadoras do tempo. "O corpo existe no espaço e deve ou submeter-se à autoridade (por meio de, por exemplo, encarceramento ou vigilância num espaço organizado) ou criar espaços particulares de resistência e liberdade - "heterotopias" - diante de um mundo de outra maneira repressor". (HARVEY, 2006, p. 196)

Ele discute as mudanças na percepção de tempo e espaço a partir do começo da modernidade e o sentido desta percepção para o projeto iluminista. A este respeito, cita o cinema pós-moderno e a abordagem do tema nos filmes *Blade Runner*, de Ridley Scott, e *Asas do desejo*, de Wim Wenders. O ponto comum entre ambos é a forma como o espaço-tempo é retratado na pós-modernidade.

Para Harvey, ao contrário do pensamento iluminista, no qual a noção do devir exerce papel preponderante na percepção do tempo e do espaço, a condição pós-moderna nos afasta dessa ideia, instaurando a hegemonia do "ser" em oposição ao "vir a ser" e o conflito entre estas duas representações é potencializada pela lógica da acumulação flexível. Em *Blade Runner*, a crise se reflete nas experiências dos "replicantes", que são andróides fabricados para serem similares aos humanos, dotados inclusive de sentimentos, algo como simulacros de indivíduos.

Os cenários e a ambiência da trama são similares ao que Goethe previu em seu *Fausto*, como consequência do progresso. Assemelham-se aos dois mundos criados por Huxley em *Admirável mundo novo*, com a vida na superfície e a vida nos subterrâneos e até ao ser descoberto por Manuel Bandeira no poema *O Bicho*.

Os “replicantes” acabam por compartilhar angústias similares às humanas, no entanto foram criados com o objetivo de executar tarefas complexas que demandem “alta capacidade produtiva e grande flexibilidade” (HARVEY, 2006, p. 278), dotados das condições e atributos necessários para atender às demandas do mercado de trabalho e da acumulação flexível.

Estas angústias e os sentimentos em relação ao tempo e espaço também estão em *Asas do desejo*, em que o cineasta alemão Wim Wenders apresenta uma relação entre o universo de homens e anjos. A relação que os humanos, mortais e os anjos, imortais mantêm com o espaço e tempo são vivenciadas e compartilhadas pelos personagens, que interagem e descrevem as noções que cada um tem a respeito do presente, passado e futuro.

A fragmentação proposta pela edição, com os anjos testemunhando os pensamentos íntimos das pessoas, as variações de cenas sem obediência a uma sequência cronológica demonstram a ansiedade, os prazeres e os medos das pessoas em um mundo caótico, ante a observação passiva dos anjos, que nada além de “conforto espiritual, tentar curar os fragmentados e muitas vezes abalados sentimentos dos indivíduos cujos pensamentos monitoram”. (HARVEY, 2006, p. 283)

Embora sejam obras distintas quanto à concepção artística e temática, a relação que os personagens de ambas as obras mantêm com o tempo e o espaço as aproxima, na medida em que ressalta o caráter dual da existência dos anjos que apesar de estarem próximos intimamente dos humanos, ao ponto de conhecerem seus pensamentos e desejos, também estão distantes devido à impotência que sentem por não poderem interferir em suas existências.

Da mesma maneira, os androides encontram-se próximos aos seres humanos devido ao espaço social que compartilham com estes, mas distantes em relação ao fato de lhes ter sido negada a possibilidade de estabelecerem laços familiares, uma vez que são criados sem estes vínculos.

O tempo no universo dos anjos de Wenders se apresenta como algo perene, que os distancia das angústias terrenas relacionadas à finitude de suas existências. Mesmo sentimento vivido pelos androides de Scott em relação à limitação de sua curta existência, o que os conecta aos seres humanos, que, ao final das contas, estão em busca das mesmas respostas.

Suas ponderações fazem crer que reconhecer a necessidade da ampliação de compreensão da alteridade e o que chamou novas relações de “tempo-espaço”



deve ser algo criticamente examinado, e esse ponto integra as obras citadas ao locutor dos posts aqui analisados; uma das características pelas quais a IURD é reconhecida é pelo desprezo à abordagem de um mundo futuro (vida eterna e outros temas das igrejas cristãs tradicionais) e o investimento na “finitude”, com a chamada “Teoria da prosperidade”. O importante, para o fiel, é a “prosperidade” no hoje, na vida terrena, material.

O que Harvey pretende ao final, com suas proposições, é salvaguardar as potencialidades do materialismo histórico na avaliação dos processos de ruptura social, na medida em que entende a pós-modernidade como condição histórica, social e geográfica para a interpretação da sociedade com seus signos, símbolos e simulacros.

### **3.1 Tecnologias da pós-modernidade e o Twitter**

Com o progresso tecnológico e o surgimento de novos sistemas de informação, a internet foi incorporada ao cotidiano de nossa sociedade. Atualmente a maioria de nossas atividades depende de estarmos conectados à internet, seja ela utilizada como fonte de informação, para o trabalho ou para o lazer. É evidente o impacto das novas formas de comunicações decorrentes das transformações tecnológicas nas relações sociais, a partir do início do século XXI. Se antes das mídias sociais as relações comunicativas eram fortemente influenciadas pelos meios de comunicação de massa (rádio, tevês e jornais), agora, as dinâmicas do ciberespaço denotam um espaço comunicativo de interação quase irrestrito.

No início dos anos 2000, a Internet 1.0, que até então era desenvolvida para o consumo de informação passou por uma grande transformação. O surgimento da web 2.0 proporcionou ao usuário a possibilidade de participar ativamente na criação de conteúdo, dando origem aos blogs, aos microblogs e às mídias sociais.

A revolução provocada pela introdução das mídias sociais em nosso cotidiano e o fácil acesso a elas por qualquer indivíduo, transformou-as em ferramentas de propagação de informações do interesse de seus usuários e conferiu a estas relativa importância, uma vez que não há mediação nem filtros entre o emissor e o receptor da mensagem.

Em contraposição à máxima de McLuhan de que “o meio é a mensagem”, o meio já não é o fator mais relevante nesta nova forma de comunicação. Agora, emissor, mensagem e receptor estão subordinados às mesmas condições, uma vez

que, embora a comunicação ainda se faça por meio de um suporte, a ausência de uma mediação confere relativa autonomia e equivalência aos atores envolvidos, sendo ambos agentes ativos no processo comunicativo.

Neste contexto, surge o Twitter. Criado em março de 2006, ele passou a permitir a conexão e interação entre seus usuários por meio do envio e recebimento de mensagens curtas publicadas em sua plataforma. A partir dele pessoas de todas as idades, com os objetivos mais diversos puderam estabelecer redes de contatos profissionais, sociais, conhecer pessoas e debater ideias.

A popularização do Twitter deu-se em razão da mobilidade, pois permitia a rápida transmissão de informações para uma rede de usuários a qualquer instante, bastando ter à mão um aparelho celular. Com isso uma transformação começou a acontecer, com os usuários passando a ser também sujeitos da informação, pois agora não dependiam de alguém ou de algum canal específico para transmitir ou receberem alguma informação, o Twitter lhes bastava, para dizer a seus amigos ou seguidores sua opinião sobre os mais diversos assuntos, compartilhar suas publicações, seu estado emocional e sua inclinação político-ideológica.

Transformações culturais também tiveram o Twitter como um dos principais personagens, como os vários movimentos de protestos ocorridos especialmente no Oriente Médio, conhecidos como Primavera Árabe. Protestava-se contra governos e contra as medidas de suas lideranças políticas, em ambientes em que não estavam acostumados com a pluralidade de ideias, e a reação das autoridades pôde ser conhecida pelo resto do mundo devido à transmissões feitas pelos usuários, por intermédio do Twitter.

Se os resultados obtidos em tais protestos seriam os mesmos sem o uso de redes sociais não se sabe, mas está evidente que a divulgação dos fatos e da violência na repressão aos manifestantes por meio das novas ferramentas de comunicação foi de vital importância para que o mundo soubesse o que estava acontecendo e se mobilizasse para em defesa das pessoas que defendiam a legitimidade de suas causas.

Ciente da importância das redes sociais atualmente e como forma de assegurar sua presença e participação nas mídias sociais, nas mais diferentes plataformas, a IURD publicou em sua página oficial na Internet, em março de 2019, seu Manual de Redes e Mídias Sociais, que estabelece diretrizes e normas de utilização das redes sociais.

O manual estabelece, entre outras coisas, critérios para definição de pautas, frequência de postagens, tipo de conteúdo (vídeo, imagens, textos), o que pode ser publicado em cada rede e o que não pode ser publicado, regras para relacionamento com os usuários, para moderação de comentários, orienta quanto à criação de perfis em novas mídias e em relação às métricas e ao monitoramento das redes sociais. Dentre as restrições às publicações o manual orienta a não publicar:

- Nada em relação a oferta, dízimo, sacrifício, votos de campanha ou outros propósitos
  - Nada sobre objetos ou elementos a serem dados na reunião (Ex.: lenço ungido, óleo, sal, cruz etc.)
  - Testemunhos de pessoas que já se envolveram com o crime e ainda respondem na Justiça
  - Nada que venha infamar a imagem e a seriedade da igreja ou seus membros, obreiros e pastores — mesmo que indiretamente.
  - Nenhum conteúdo de outras igrejas ou líderes religiosos, ou de crítica a eles
  - Piadas, vídeos, fotos ou textos a título de humor que ofendam certos grupos de pessoas ou que ofendam a igreja ou seus integrantes
  - Nada de cunho político ou partidário, a fim de não indicar posicionamento da Igreja erroneamente
  - Conteúdo de duplo sentido ou de conotação negativa, pejorativa
  - Conteúdo criminoso, racista ou preconceituoso contra sexo, religião ou etnia
  - Expressões que não são entendidas fora do ambiente da Igreja.
- Ex: “Eu odeio as coisas do mundo”; “Tudo o que faça é pelas almas”; “Pessoas que vivem na carne”; macumba, macumbeiros, filhos de santo etc.
- (IURD, 2019)

Estas são algumas das razões pelas quais não encontramos no perfil da IURD publicações que indiquem posicionamento crítico em relação a fatos cotidianos ou a temas polêmicos, como as pautas identitárias, racismo, aborto, pautas LGBTQIA+ e outras de interesse da sociedade atual.

Quanto ao aspecto discursivo das relações que se estabelecem na internet, pode-se afirmar ser aquele o lugar em que cada usuário é enunciatário e um potencial enunciador, uma vez que pode produzir seu próprio conteúdo e compartilhá-lo com suas redes de contatos. A velocidade com que alguém recebe informações e as distribui a vários usuários simultaneamente é uma das principais características das redes sociais, pois nelas convergem os mais diferentes discursos que se materializam nas mais distintas formas e significados, provenientes de formações discursivas distintas, de modo que um mesmo usuário pode interagir a uma só vez com vários usuários que reajam às suas manifestações, independentemente de fazerem parte do mesmo universo discursivo. E sendo esta também uma lógica que se manifesta no

Twitter, a plataforma abriga os mais variados discursos, inclusive o neopentecostal, e mais especificamente o da Igreja Universal do Reino de Deus, cujas postagens de caráter belicista compõem o corpus desta pesquisa.

### **3.2 Das características e semelhanças entre o flâneur e o pesquisador**

O termo flâneur é usado por Baudelaire (1996) para definir uma personagem que passa a vida pelos cafés e boulevares de Paris, e costuma andar pelas ruas observando a vida cotidiana, os trabalhadores, operários, vendedores, transeuntes e os modos como a cidade os absorve, tornando-os parte de si. Diz Baudelaire:

Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. (...) Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão(...), que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. (1996, p. 21)

Refletindo sobre o Twitter como forma de comunicação da contemporaneidade, é importante destacarmos, como flâneurs, características das “multidões” de nosso tempo concentradas nesse aplicativo, que se consagrou como instrumento de difusão de ideias e de integração de seus usuários, não obstante a limitação de toques em seus espaços.

Quando se fala sobre a modernidade e sobre os modos como a cidade e as suas rotinas, bem como o ritmo que esta impõe sobre os indivíduos, mudou a forma de vivermos a partir do final do século XIX e início do século XX, deve-se analisar as reflexões presentes nos olhares dos observadores que primeiro refletiram acerca dos fenômenos sociais e econômicos desta nova sociedade que ora se estruturava.

Essa atividade e o movimento permanente da cidade, que impulsiona os indivíduos a também manterem sua rotina de atividades circulando pelas ruas em seus afazeres, rouba dos indivíduos a individualidade, tornando-o uma peça da engrenagem que a põe em funcionamento e inspira Poe a escrever o conto “O homem na multidão”, o qual é lido por Baudelaire com encanto:

Atrás das vidraças de um café, um convalescente, contemplando com prazer a multidão, mistura-se mentalmente a todos os pensamentos que se agitam à sua volta. Resgatado há pouco das sombras da morte, ele aspira com deleite todos os indícios e eflúvios da vida (...). Finalmente, precipita-se no meio da multidão à procura de um desconhecido cuja fisionomia, apenas

vislumbrada, fascinou-o num relance. A curiosidade transformou-se numa paixão fatal, irresistível! (1996, p. 17)

Na poética de Charles Baudelaire, a melancolia e o motivo da morte fundem-se com a imagem de Paris, conforme observa Benjamin: “(...) é o olhar que o alegórico lança sobre a cidade, o olhar do homem que se sente ali como um estranho. Trata-se do olhar do flâneur, cujo modo de vida dissimula ainda com um halo conciliador o futuro modo de vida sombrio dos habitantes da cidade” (p. 47).

Sentimentos semelhantes encontram-se na cidade descrita por Walter Benjamin e Edgar Allan Poe, que a percebem como um organismo vivo, em torno do qual orbitam seres que se nutrem do seu dinamismo e de sua necessidade de que as pessoas e as máquinas estejam em constante movimento para continuidade de seu funcionamento.

O indivíduo deixa de ser alguém que somente exerce suas atividades ou frequenta a cidade para comercializar seus produtos para se integrar ao ambiente, pois sua subsistência já depende que assim o faça ciclicamente, diariamente, como bares, lojas e outros tipos de comércio, de cuja presença a cidade não pode mais prescindir, pois são as mercadorias que garantem seu funcionamento.

Que semelhanças podemos observar entre estes autores e o flâneur por eles descrito, algo autobiográfico, com os profissionais de hoje que observam, pensam e se inspiram na cidade, como jornalistas, escritores, poetas, músicos, arquitetos, fotógrafos e pesquisadores? A tarefa do observador da cidade recém industrializada e urbanizada descrita por Benjamin, Baudelaire e Poe não se difere da desses profissionais contemporâneos, que a exemplo deles registra, classifica, compara e relaciona intertextualmente fatos e objetos do cotidiano.

A metrópole daquela época, assim como a dos dias atuais, consagrava, com sua profusão de produtos, mercadorias e serviços, a cultura de consumo. A velocidade marcava a vida da metrópole, com as multidões tomando as ruas todos os dias e tornando o indivíduo mais um elemento a mover o grande mecanismo que o engendrava.

No contexto histórico europeu o flâneur surge como um personagem que não compartilha das mesmas preocupações cotidianas dos demais indivíduos. Trata-se de alguém que passa seus dias em parques, cafés, galerias de arte e passeando pelos boulevares: são artistas, poetas, intelectuais, provenientes da aristocracia ou financiados por esta, dedicados à observação do cotidiano.

Embora a obra de Benjamin com mais destaque seja a que nos dá suporte a estudos sobre literatura, arte, filosofia, história e memória, as análises que o autor faz sobre a cidade e as transformações nela ocorridas a partir do século XIX até o início do século XX, apesar de aparentemente desconectadas, permitem analisarmos o indivíduo e seu lugar na composição do ambiente e desnudar as relações sociais em torno das quais as cidades modernas orbitam.

É colocando-se na posição do flâneur, que acompanha as mudanças na rotina da cidade a partir da modernização promovida pela substituição da tração animal pelo vapor, decorrente da revolução industrial, que o autor observa como a vida das pessoas torna-se mais frenética na medida em que cavalos são substituídos por veículos a motor, o volume de produtos e serviços à disposição passam a ser maiores e a envolver cada vez mais pessoas, e as individualidades deixam de importar e de ocupar o cenário, porque à metrópole, interessa mais a coletividade e seu movimento incessante. Posto que é o que lhe mantém viva.

O olhar melancólico do observador do cotidiano deriva da lembrança de um passado lírico que não viveu, de onde herdou o conhecimento trazido da antiguidade clássica acerca do belo, e por mais que se esforce em reconhecer as virtudes humanas do iluminismo, que permitiram o progresso que testemunha, sua visão é invadida pelo pessimismo ao perceber, tal qual Fausto, que os benefícios da modernidade não poderiam ser compartilhados por todos (HUGO, 2007, p. 40).

Sobre esta visão pessimista acerca da modernidade, Harvey corrobora o que defendem Horkheimer e Adorno em *A Dialética do esclarecimento*: "(...) eles alegavam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica da dominação e da opressão" (2006, p. 24).

De fato, as tensões posteriores, decorrentes do acúmulo de capital por um lado e da sobrecarga de trabalho e total empobrecimento das massas que movimentavam a metrópole foi a razão de mais transformações, não só de natureza social como também econômica e política.

O flâneur seria então um crítico ao capitalismo, pois enxerga o progresso como algo maléfico ao indivíduo, apesar de gozar de seus frutos. É um cronista da cidade, que preserva nostalgicamente o que resta de um passado destruído pela lógica capitalista. E a posição de Benjamin ao compreender e relatar as adversidades de seu tempo, permite-nos identificar o método presente em sua obra. Sua obsessão pelos detalhes e pelos significados que percebe nos menores detalhes do caos urbano

da metrópole, leva-nos à possibilidade de entender e utilizar sua forma de observação relacionando os fenômenos percebidos às condições sociais dos indivíduos.

Nos dias atuais, em meio à cibercultura, os estudiosos e pesquisadores das ciências sociais exercem papel semelhante ao flâneur do período pós-revolução industrial e do início do século XX. A relação que mantêm com o espaço urbano, constrói uma linguagem poética que lhe permite interpretar o cenário a partir de uma leitura apurada, por meio da observação do cenário, da classificação dos fenômenos observados, da comparação com situações similares e da aplicação de métodos de análise, que lhe conferem uma capacidade para observar para além do que está aparente.

Apesar da similaridade caótica entre a metrópole do passado e a atual, hoje a natureza dos espaços que compõem o universo de análise do flâneur são bastante distintos, pois não é só o componente físico que pode ser objeto de análise. Nosso tempo é formado por espaços híbridos que congregam o ambiente físico e o virtual, de maneira cada vez mais complexa, no universo digital.

Não são somente os objetos que interessam ao pesquisador, mas os textos, os dados, a intrincada rede de informação e as conexões possíveis de serem estabelecidas entre os indivíduos, que nem sempre percebem seu papel, neste emaranhado de novas relações possíveis por meio do uso de computadores, telefones celulares e dispositivos móveis dos mais diversos.

O surgimento da Internet, a expansão das telecomunicações e o uso de telefones celulares, foram preponderantes para esta nova fase de transformações do ambiente urbano que agora não se restringe aos limites físicos da metrópole. Em outras palavras, “(...) com a expansão global da internet, imaginou-se que as barreiras fronteiriças caíam e todos pertenceríamos a uma comunidade mundial”. (CANCLINI, 2016, p. 57)

Sob este pressuposto, a Internet aproximou as pessoas de familiares distantes, de outros grupos de pessoas, de empresas, entidades públicas ou privadas, de marcas e de ideias, em um ambiente chamado “cibercultura”, termo derivado da definição de Lévi:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (...) especifica aqui

o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.17).

É partindo dessas premissas de novos horizontes de relacionamento entre os indivíduos, corporações e instituições de Estado que o flâneur de nossos dias encontra terreno para conduzir suas investigações. Se a curiosidade e o empenho em encontrar respostas do flâneur de Poe é semelhante, a melancolia de Baudelaire transforma-se no afastamento necessário à isenção do investigador e o pessimismo de Benjamin torna-se a confiança do pesquisador de que as respostas encontradas ajudarão a sociedade a solucionar problemas reais, seja no ambiente físico da cidade ou no universo virtual das redes sociais e de informação.

Como é característico das redes sociais, no Twitter é possível que vários atores sociais sejam fonte das mensagens, ao contrário do que ocorre nas mídias tradicionais, onde o receptor recebe a mensagem passivamente. Há, assim, mais visibilidade para todos os usuários, tornando democráticos este meio virtual e a produção de informações, de modo a promover uma aproximação entre os usuários do aplicativo.

Com isto, ao mesmo tempo em que não há filtros para o que se publica na rede, também é possível ao pesquisador testemunhar e recolher as informações que julgar significativas, sem correr o risco de ser interpelado ou sem que seja necessário identificar-se ou informar o propósito de sua presença naquele espaço, conforme o escopo de sua pesquisa. E assim, o pesquisador pode flunar por entre as discussões e as publicações, não para satisfazer sua curiosidade ou ocupar seu tempo como o faziam os flâneurs, mas para atender aos objetivos de suas investigações.

Do mesmo modo que o flâneur tem uma visão privilegiada da cidade, em razão de seu envolvimento direto com esta, também o trabalho do pesquisador deve revestir-se do interesse científico, ancorado no conhecimento prévio do respectivo arcabouço teórico e da dinâmica que norteia as relações nas redes sociais, para que tenha a mesma visão privilegiada que lhe possibilite a compreensão do universo que compõe seu objeto de pesquisa.

É neste sentido que o presente trabalho se orienta, com a coleta de informações relevantes que nos permitam, por meio da análise dos efeitos de sentido produzidos pelas mensagens, textos, imagens e legendas, o reconhecimento de símbolos, sinais e significados, que evidenciem o universo simbólico ao qual



pertencem, levando-nos a identificar a presença do sujeito do discurso. Busca-se assim evidenciar a constituição do discurso a partir da formação discursiva do meio onde este é produzido, neste caso, no ambiente institucional da IURD, expresso pelas suas postagens no twitter.

## **4 PERCURSO DE ANÁLISE**

Nossa pesquisa é de caráter interpretativista e a Análise de Discurso de linha francesa é o caminho que usamos para percorrermos a construção da argumentação da IURD no recorte proposto. Neste capítulo nos dedicaremos a apresentar a base metodológica que serve de apoio para as análises que propomos. Inicialmente trataremos da AD francesa, com especial ênfase às intertextualidades existentes entre as abordagens de Eni Orlandi, cuja inspiração são os estudos de Michael Pêcheux, na medida em que ambas (as abordagens de Orlandi e Pêcheux) se convergem para a construção de uma ideia de investigação discursiva, abordando aspectos dos elementos que não estão explícitos no texto e que denotam o caráter ideológico dos textos analisados.

A seguir, pontuaremos algumas características indicativas do belicismo constante nos discursos da igreja e o caráter ideológico que carregam, como todo discurso. Do mesmo modo, trataremos os modos como a memória discursiva é construída no interior de uma formação discursiva, e como a ideologia se insere neste universo, atuando como um elemento que permite à linguagem representar o mundo.

Tendo em vista ser a AD francesa indissociável dos aspectos ideológicos presentes no discurso e considerando as definições de Althusser a respeito dos aparelhos ideológicos e aparelhos repressivos do Estado, cujos conceitos discutiremos mais adiante, situamos a IURD como um dos aparelhos ideológicos do Estado, a partir do papel social que esta exerce na sociedade, não apenas entre seus membros ou no campo religioso, mas também na esfera política e midiática.

Depois retomamos as noções do não-dito e do pré-construído, propondo, a partir do que dispõe Orlandi (2003), relacionar o que é dito pelo enunciador ao que não está explicitado na mensagem, de modo a poder identificar as intertextualidades, os indícios de uma memória discursiva, elementos textuais ideológicos inscritos naquela formação discursiva e finalmente poder apreender os possíveis sentidos do discurso.

### **4.1 AD francesa (não-dito, pré-construído e ideologia)**

O presente trabalho se valerá dos conceitos da Análise de Discurso de abordagem francesa, formulada por Michel Pêcheux na França e explorada no Brasil por Eni Orlandi. O corpus do objeto de investigação de nossa pesquisa é composto

pelas mensagens da IURD na rede de microblog Twitter, as quais permitem um questionamento acerca da determinação do discurso religioso presente nos textos.

Será observado o modo por meio do qual o caráter ideológico das mensagens produzidas no meio neopentecostal se introduz no discurso da instituição e como o sujeito opera para que o interlocutor (sua membresia) se identifique com o texto. A opção pela Análise do Discurso decorre de ser ele um dos lugares da materialidade em que circula a relação entre ideologia e sujeito, onde podemos identificar as marcas de funcionamento da ideologia. Buscaremos evidências ideológicas da Igreja no explícito nas mensagens, mas também no que se encontra implícito, a partir dos aparatos teóricos fornecidos pela disciplina escolhida para apoio de nossa análise, considerando que:

(...) a ADF analisa o que é dito e o que é não-dito, ou seja, o implícito, colocando o primeiro em relação ao segundo, não à busca de um suposto “verdadeiro” sentido; numa direção contrária, procura explorar as várias formas e a relação com o simbólico, compreendendo como o texto, objeto linguístico histórico, produz sentido. (SILVA, 2008, p. 41)

Se desde a antiguidade, a linguagem, o sujeito e a produção de sentidos compunham o conjunto de ferramentas das ciências sociais e humanas para compreensão dos fenômenos sociais, a partir do século XIX, a linguística e a psicanálise promovem mudanças na compreensão do modo de se comunicar dos indivíduos, que vão resultar em estudos mais aprofundados acerca da linguagem.

Estes, por sua vez, quando aplicados a estudos de análise do discurso, permitirão reflexões sobre linguagem, sujeito, história e ideologia. Na década de 1960, a inserção do marxismo às reflexões fortaleceu a ADF, pois aprofundou as relações entre o discurso e o caráter ideológico da enunciação, não sendo, contudo, sua limitante.

Para Orlandi (2003), sempre se observou e se estudou a linguagem de diferentes maneiras, seja compreendendo a língua como um sistema de signos ou até mesmo como um sistema de regras formais que permite aos indivíduos dar sentido às suas ideias. Já a Análise de Discurso compreende a linguagem como um instrumento de mediação entre o sujeito e o seu universo social. A forma por meio da qual se dá esta mediação é pelo discurso ou pelas práticas discursivas em que o sujeito se insere, dotando-o da capacidade de compreender o mundo, de significá-lo e até de transformá-lo.

Michel Pêcheux (2006) propõe uma ampliação nos métodos de análise, de modo a considerar os aspectos sociológicos, ideológicos, históricos e psicológicos envolvidos na enunciação do discurso, e não apenas o aspecto semântico estudado pelos linguistas, o que nos leva à ideia de que a proposta da Análise de Discurso Francesa é estudar os modos por meio dos quais a linguagem se estabelece na ideologia e como esta é mobilizada na linguagem.

Pêcheux é o principal responsável pelo estabelecimento de um aparato teórico que articula elementos da linguagem à ideologia, segundo um ponto de vista marxista. Tendo como ponto inicial de análise os escritos de Althusser, depreende que a ideologia adquire materialidade na língua - contrapondo-se aos estudos saussurianos, que segundo ele limitavam-se a investigar questões relativas à semiótica/ semiologia (2006, p. 12), conferindo-lhe relativa autonomia.

A partir de então, investiga as formas como a semântica configura-se no local de materialização dos processos discursivos e torna-se também o espaço material que permite que as relações entre os sujeitos sejam observadas. A Semântica é compreendida como parte da Linguística cujo objeto é o estudo da língua como sistema, e deste modo, ela só pode construir seu sentido ao se abstrair o contexto comunicativo e admitir a relação de oposição entre os signos que compõem a mensagem.

Pêcheux (2006) é crítico em relação à dicotomia defendida pelos semanticistas:

(...) os semanticistas se utilizam de bom grado (...) de classificações dicotômicas do tipo abstrato/concreto, animado/não-animado, humano/não-humano, etc., que se fossem aplicadas exaustivamente até seu limite máximo, constituiriam uma espécie de história natural do universo (...), mas suponhamos que se queira abordar, por meio dessa classificação, realidades tão estranhas quanto a história, ou as massas, ou ainda a classe operária... O que dirá o semanticista? Trata-se de objetos, ou de coisas? Ou de sujeitos, humanos ou não-humanos? Ou de coleções de sujeitos? (p. 30)

Conforme esta argumentação, a semântica não daria conta de operar em sua lógica de classificação sem a abstração que o modo capitalista de produção o legou. As lacunas deixadas pela interpretação proposta, segundo ele, comprometeriam a compreensão do conteúdo explícito e implícito da mensagem. Se por um lado Linguística e Análise de Discurso partilham da noção de que a linguagem não apenas reflete, mas faz parte do mundo exterior e dos fatos que nele ocorrem, ao

desconsiderar a historicidade, a Semântica não permite refletir-se os efeitos materiais que a linguagem exerce em relação à história.

A ADF opera a partir de processos de construção de sentidos que possuem forma material, representa uma teoria cuja particularidade está na observação de elementos materiais que se articulam para a reprodução e transformação dos processos discursivos.

Não há limites para o estudo de determinado discurso na AD, tampouco ela se pretende doutrinária. Ela permite reflexões abertas acerca de textos políticos, jornalísticos, científicos, e de outras naturezas, partindo da observação linguística ou ainda de construções gramaticais ou lexicais que constroem o sentido do seu objeto de análise.

Para a AD, não há uma relação direta entre os processos de significação e a língua, é a materialidade do mundo que se incumbe de conferir sentidos passíveis de interpretação, por meio das condições sociopolíticas, históricas e ideológicas de produção do discurso. O sentido se constitui por meio da relação entre língua e a ideologia, uma vez que não há processo de significação sem uma existência material.

Uma palavra, uma frase ou uma expressão somente adquire sentido se combinada a um determinado contexto de enunciação, por meio do qual poderá significar. Com isso, reafirma-se um pressuposto da AD, segundo o qual o sentido não está na palavra, mas ele surge a partir do universo discursivo no qual o sujeito está inscrito.

## **4.2 O discurso bélico e as marcas ideológicas no discurso**

Cada mecanismo de enunciação serve como um meio de se aplicar a ADF, permitindo que o analista identifique sentidos e formule conceitos que não seriam possíveis sem as ferramentas por ela propostas. Muito embora a relação do sujeito com o sentido e da linguagem com o mundo sejam imprevisíveis, certas formas de controle da interpretação já estão historicamente estabelecidas, em respectivos espectros sociais, como no campo de professores, juizes, padres, advogados ou correlatos. O contexto de produção é importante para uma análise, pois o sentido não é encontrado apenas nas palavras.

Pêcheux defende a necessidade de uma análise materialista da linguagem, o que depende primariamente de se avaliar os processos discursivos e as formações discursivas onde estes têm origem. Para ele, os significados das palavras são dados

a partir de posições ideológicas inscritas em dada conjuntura teórica e sociológica do materialismo histórico, fator este que justifica a relação entre aspectos linguísticos e históricos nos termos e expressões formulados pelos indivíduos. (2006, p. 146)

A ADF propõe que se avalie a possibilidade de diferentes sentidos, tendo em vista a compreensão antes e após a análise, pois as palavras não são determinantes para o entendimento do texto, já que não encerram em si mesmas seus sentidos, mais relevante do que as relações entre as palavras são as relações entre os indivíduos, a história, o universo e os papéis desenvolvidos por estes naquele contexto de produção específico ao qual o discurso faz referência ou no qual está inscrito.

Como exemplo, podemos citar as palavras fogueira e santa. Analisadas isoladamente, fogueira pode designar a combustão de certos materiais, como madeira ou carvão e em seu sentido etimológico, uma palavra derivada da palavra fogo + o sufixo eiro, flexionada no feminino; santa é um substantivo feminino usado para designar uma mulher que foi canonizada em razão de suas virtudes. Quando juntadas as duas palavras, no âmbito da IURD, a expressão Fogueira Santa "(...) consiste numa releitura de episódios bíblicos que envolvem sacrifícios a Deus" (OLIVEIRA, 1998, p. 35).

É necessário que se saiba em qual formação discursiva se constitui a expressão e uma vez tratando-se de um universo religioso, a partir daí pode-se depreender vários significados, tantos no universo sociológico quanto na memória, pois quem conhece a prática e dela participa sabe seu significado e como deverá ser sua participação.

Por outro lado, quem observa externamente pode ser remetido a episódios históricos envolvendo religiosidade, fogueira, santidade e sacrifício. Trataremos mais adiante das relações entre a percepção dos fiéis da IURD e o uso que esta faz das expressões que emprega, conforme é a proposta deste trabalho.

As formações discursivas derivam do universo social ou da formação social onde o discurso é produzido e são precedidas pelas formações imaginárias, as quais dizem respeito às imagens ou representações que um indivíduo faz do outro, uma vez que esta imagem está relacionada com o papel desempenhado por estes naquele contexto social (ORLANDI, 2003, p. 40). Com isso, evidencia-se então a relação direta entre as formações discursivas e as formações ideológicas.

A formação ideológica, por sua vez, representa o conjunto de ações e representações que se relacionam às posições de classes em confronto, que se situa

no contexto ideológico de determinada formação social em um dado momento. Ao observarmos determinada sociedade e suas relações sociais, podemos identificar as relações de classe que a constituem e o modo de produção predominante. Sob esta perspectiva, as formações discursivas podem ser definidas então como o lugar de construção dos sentidos, e fazem parte dos saberes de uma formação ideológica que determinam o que pode e o que deve ser dito e em que circunstâncias.

A partir deste ponto, as análises de Pêcheux e Foucault, muito embora convergentes, diferem em certos aspectos quanto ao papel do sujeito no discurso. Pêcheux compreende o sujeito como um ser coletivo, dependente do universo social que o circunda e afetado pelos saberes e pela ideologia de seu meio (PÊCHEUX, 2006). Foucault, por sua vez, concebe o sujeito como um produto da história, resultante do entrelaçamento das relações de poder e de saberes, os quais sofrem a mediação das forças determinantes da verdade.

Foucault assume que as formações discursivas são constituídas por ideias e conhecimentos que se repetem regularmente. Esta regularidade enunciativa, no entanto, traz em si um conceito paradoxal por ele defendido, que é a noção de dispersão, dependente esta do estabelecimento de regras de formação, às quais se submetem tanto a dispersão (temporal ou espacial) como a repartição. Ou seja, deve-se conhecer as regularidades discursivas a partir das quais se encontram os saberes em dispersão para então situá-los em domínios específicos, aos quais o autor nomeia formações discursivas (FD).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (Foucault, 2008, p. 43)

Apesar do aspecto ideológico não estar presente nos conceitos defendidos por Michel Foucault no que concerne às formações discursivas, a posição do sujeito é uma das questões fundamentais em suas definições. Sendo assim, a formulação de Pêcheux terá o sujeito como ponto comum entre as concepções dos dois autores, muito embora exercendo diferentes papéis, conforme já descrito.

No entanto, ainda ligado às teses althusserianas, Pêcheux mantém sua proposição de interpelação do sujeito pela ideologia - muito embora sem abordar as questões relativas à luta de classes sob a perspectiva marxista - o que traz ainda para

seu campo de discussões a interdiscursividade, a não-evidência do sentido, a memória discursiva, entre outras.

Assim, seguimos nesta pesquisa a perspectiva pecheutiana, segundo a qual, os modos como os indivíduos se relacionam no seu interior e os papéis que desempenham por meio das instituições oficiais ou dos aparelhos estatais, representam os modos como manifestam-se essas relações de classe, por meio de antagonismos, alianças, oposições ou dominação. As escolhas sintáticas e lexicais de construção do enunciado são os espaços em que o sujeito opera com a ilusão de que é senhor do discurso.

A ideologia então não pode ser compreendida como uma forma de ocultar ou de dissimular as coisas conforme seu interesse, ao contrário disso, nossa realidade não pode prescindir da ideologia como mecanismo que permite a articulação entre a linguagem e o mundo. A este respeito, Orlandi (2003) defende que a função da ideologia é “(...) produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (p. 45). Tal afirmação faz crer que a realidade sem a ideologia é uma impossibilidade, já que é necessário a articulação dela com a língua para a construção de sentidos.

A articulação de elementos distintivos e sua relação com a classe da qual o enunciador faz parte permite a compreensão da existência de um domínio daqueles conhecimentos expressos no discurso – a exemplo do discurso religioso. Estes domínios, denominados formações discursivas, conforme mencionado anteriormente, mantém estreitas relações com a ideologia em dada conjuntura.

Deste modo, os dispositivos ideológicos de uma formação discursiva se materializam na fala, texto ou no discurso, como elementos definidores do sentido que a mensagem terá, no contexto do universo político, no meio social ou na religião, conforme abordaremos nas próximas páginas.

Esta é a razão pela qual as palavras adquirem sentido conforme as posições daqueles que as proferem, e podem mudar de sentido quando deixam determinada formação discursiva e se inscrevem em outra. Do mesmo modo, o analista, diante de um texto, é instado a ver determinado discurso conforme a formação ideológica dominante naquele contexto, e a partir dele identificar seu sentido. (ORLANDI, 2003, p. 63)

Deduzimos então que o discurso não é apenas um conjunto de ideias ou de um grupo de palavras e noções definidoras de uma tese defendida pelo enunciador,



e sim uma estratégia adotada por este a partir de um conjunto de normas e preferências estilísticas que fornecem indícios que podem facilitar a compreensão da especificidade de um texto. O discurso é uma prática que permite a identificação da relação entre linguagem e ideologia, a partir da ideia de que a ideologia se materializa por meio do discurso e este depende da língua para existir materialmente.

Na ADF não é somente o dito ou o texto que importam, ela leva em consideração os agentes do discurso ou os interlocutores, o contexto da enunciação e as condições sócio-históricas em que se dá a comunicação. Neste sentido, o conteúdo não é o mais importante para a análise, tampouco o enunciador é o dono do sentido de seu discurso. A ADF observa os fatos e fenômenos sociais e históricos que um discurso comporta, não detém sua análise no sentido do enunciado, mas nos modos como ele produz sentido.

A produção de sentidos em um discurso se dá pelo modo como estes sentidos se relacionam em seu enunciado. Pode-se dizer que “não há discurso que não se relacione com outros” (ORLANDI, 2003, p. 39). Deste modo, entende-se que um discurso se constrói por meio de outros discursos, e a partir da sua enunciação outros discursos podem ser formulados, relacionando este a outros originados conforme o repertório discursivo do enunciador.

Para Orlandi, todo sujeito, ao enunciar seu discurso, já realizou um processo denominado antecipação, que serve para que este tenha-se imaginado no lugar do seu interlocutor, ouvindo suas palavras para poder regular sua fala de modo que obtenha o efeito pretendido.

Ao pensarmos as relações de forças, de sentidos e a antecipação, para compreensão do funcionamento das formações imaginárias, podemos pensar a formação social de nosso interesse, a IURD: a imagem que o pastor ou bispo tem do fiel, a imagem que o fiel tem do que seja um pastor, a imagem que se tem de um pregador, a imagem que o fiel tem de um bispo, a imagem que o fiel tem de um dirigente da Universal e assim por diante.

Pelo mecanismo da antecipação, temos a imagem que o pastor da Universal tem da imagem que os fiéis têm daquilo que ele dirá. Isto fará com que ele ajuste seu discurso aos seus objetivos, a partir da percepção que terá de como este será recebido pelos fiéis. Assim, terá mais sucesso o pregador, pastor ou bispo que conseguir antecipar o maior número de possibilidades e de imagens que constituirão

seu discurso a partir daquilo que sua audiência espera ou deseja ouvir, tornando o imaginário, assim, fundamental para o funcionamento da linguagem.

A relação de forças determina que o papel social exercido pelo sujeito é determinante para o sentido que sua fala terá em seu interlocutor. Pode-se dizer que sua função será elemento constituinte de sua mensagem, de tal modo que o discurso de um advogado será recebido de forma diferente em seu meio do que um discurso de outro indivíduo que não pertença à mesma esfera social:

Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno (ORLANDI, 2003, p. 40).

No âmbito desta pesquisa, que investiga as mensagens suportadas em meio digital, ou seja, nas mídias sociais, as novas tecnologias de comunicação proporcionaram certo apagamento dos efeitos históricos e ideológicos da linguagem, contudo, tais aspectos não deixaram de estar presentes nos usos da linguagem.

Segundo esta visão, novas formas de interação social podem continuar surgindo, porém a adequação da linguagem às novas ferramentas comunicacionais (mídias sociais, aplicativos de trocas de mensagens e outras) poderá promover mudanças nos modos de se construir sentido, porém os aspectos ideológicos e histórico-sociais ainda permanecerão presentes no seu discurso, mesmo que representados de maneiras diferentes.

Não são apenas os indivíduos ou os espaços físicos que estes ocupam em determinada formação social, os fatores determinantes do sentido que se produzirá no discurso, mas as suas imagens ou projeções, conforme a autora pontua. Assim, são as posições e não os lugares do sujeito que significam no discurso, bem como o contexto histórico e a memória, os quais são responsáveis pela representação do saber discursivo – o já-dito (ORLANDI, 2003, p. 40).

O contexto sócio-histórico, as condições de produção e a memória permitem que possamos articular as manifestações expressas pela IURD, que aqui se propõe a estudar, e o não-dito, a partir do que já foi manifestado pela igreja e por sua membresia, conforme destacamos em nosso primeiro capítulo (NEOPENTECOSTALISMO E IURD).

Desta forma, não é o pastor ou bispo que proferiu determinada pregação que importa para o significado do que é dito, mas a posição que estes ocupam. São estes

fatores circundantes do discurso que nos permitem identificar o sujeito presente nele. As posições no discurso são constituídas por imagens, na medida em que estas representam o universo dentro do qual se compõe o que há de ser transmitido.

Não se trata apenas de o enunciador falar para que seja entendido o seu posicionamento como favorável ou desfavorável ao tema que aborda, nem pelas suas intenções, mas pelas condições de produção, pelas relações com sua memória e por sua formação discursiva – esta, compreendida como aquilo que pode e deve ser dito em determinada formação ideológica.

Partindo-se do pressuposto de que o sentido é indissociável da interpretação, fica evidente a presença da ideologia. Segundo Orlandi (2006), a função da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (p. 46). A ideologia é, portanto, elemento fundamental na constituição do sujeito e em sua relação com os sentidos que produz. E nossos sentidos são construídos a partir da memória, esta, fora de nosso controle, razão pela qual acreditamos sermos os criadores do que dizemos ou da forma como defendemos nossas ideias.

Para podermos avaliar o funcionamento do discurso em determinado enunciado, seja ele uma pregação em um templo ou uma frase exposta em uma rede social (até mesmo uma pregação neste meio), o analista deve mobilizar certos elementos que lhe possibilitem compreender como ocorre o processo de produção de sentidos em tal enunciado, e de que modo os indícios ali presentes atuam para dar substância à formação discursiva onde ele foi produzido.

### **4.3 Memória Discursiva e evocação de saberes no contexto religioso**

Os sentidos implícitos propostos pela análise de discurso são analisados por Achard (1999) na tentativa de compreender como a Memória Discursiva se insere no arcabouço histórico da Análise de Discurso, uma vez que ela é composta por memórias criadas ou apreendidas socialmente, por meio do desejo da materialidade por elas suscitadas.

Cabe deduzir então que há uma necessidade de que a memória se instaure materialmente em determinada formação discursiva, para dar sentido aos discursos produzidos naquele contexto sociocultural. Esta materialidade é então implícita, na medida em que aguarda um entendimento que seja comum a tal formação discursiva, por óbvia que seja para o sujeito no interior desta formação.

A existência de novos acontecimentos desregula os implícitos já inscritos na memória discursiva, proporcionando uma série de compreensões distintas sobre determinado acontecimento histórico cujo entendimento já fazia parte da memória social. (ACHARD, 1999) Neste sentido, pode-se entender que a memória se reconstrói a partir de novos fragmentos ou de acontecimentos que se integram, a partir do imaginário do sujeito, ao conhecimento já estabelecido.

Como o discurso e os sentidos por ele apreendidos não se constroem somente por meio de textos, a memória não pode prescindir de imagens e símbolos para se estabelecer. A Memória Discursiva, segundo Achard, tem a imagem como uma necessidade para que por meio dela a memória encontre uma verossimilhança material, haja vista a representação de sentidos e significados que na imagem se assentam.

Para Pêcheux, a memória discursiva “(...) seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” ((...) os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita”. (PÊCHEUX, 1999, p. 52) A memória seria estabelecida então, por meio do enunciado e da enunciação, construídos a partir imagens e de acontecimentos, que constituem os saberes coletivos em uma formação discursiva.

Assim, a evocação da imagem do diabo ou de uma guerra santa em determinado enunciado remetem o interlocutor (membro da IURD/ seguidor desta no Twitter) a uma memória histórica, em que se assimilou a necessária batalha a ser empreendida (cotidianamente) contra o mal – conforme explicado no capítulo 1 (NEOPENTECOSTALISMO E IURD) desta dissertação. É então o interdiscurso que opera de modo a remeter o sujeito a um conhecimento já adquirido, uma memória discursiva: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2006, p. 31)

Desta maneira, os conteúdos produzidos para serem compartilhados pelo perfil da igreja (imagens, textos e legendas), operam certos saberes discursivos, de modo a explicitar o seu significado, despertando sensações afetivas nos seus seguidores, a partir de sua memória discursiva.

#### **4.4 O belicismo legitimador da cotidiana batalha contra o mal**

Mariano (2014) afirma que, para as denominações neopentecostais, sua missão é a cura e restauração do mundo. A IURD, assim como as demais, funda sua

crença na promessa de Deus a Abraão, no Antigo Testamento, de posse da terra ao povo de Israel. E do mesmo modo que a terra prometida inspira a IURD na busca pela conversão e salvação do mundo, também a impele na luta contra o mal, interpretado como as religiões de matriz africana e indígenas, apoiado no texto bíblico do Êxodo:

Não terás outros deuses diante de mim.  
 Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.  
 Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. (Êxodo 20:3-5)

Desta maneira, o uso de elementos simbólicos que remetem ao antigo testamento se faz presente na liturgia da IURD, que busca com isso influir em seus fiéis a noção de que eles são o povo eleito e cabe-lhes assumir a missão de combater o mal e de restaurar a terra. Enquanto o Novo Testamento traz mensagens de esperança, resignação, fé e compaixão, o Antigo Testamento, além de relatar a fuga do povo de Israel do Egito, também está repleto de guerras, batalhas e massacres, de um povo que conquistou seu espaço e o mantinha, em meio a disputas. E este caráter bélico, sob os auspícios de Deus, é fartamente explorado pela IURD em sua liturgia.

E Josué, e todos os homens de guerra com ele, veio apressadamente sobre eles às águas de Merom, e atacou-os de repente.  
 E o Senhor os deu nas mãos de Israel; e eles os feriram, e os perseguiram até à grande Sidom, e até Misrefote-Maim, e até ao vale de Mizpá ao oriente; feriram até não lhes deixarem nenhum.  
 E fez-lhes Josué como o Senhor lhe dissera; os seus cavalos jarretou, e os seus carros queimou a fogo.  
 E naquele mesmo tempo voltou Josué, e tomou a Hazor, e feriu à espada ao seu rei; porquanto Hazor antes era a cabeça de todos estes reinos.  
 E a todos os que nela estavam, feriram ao fio da espada, e totalmente os destruíram; nada restou do que tinha fôlego, e a Hazor queimou a fogo.  
 (Josué 11:5-13).

O trecho bíblico relata uma das batalhas travadas pelos israelitas durante sua caminhada rumo à Terra Prometida. A pouca experiência em combate e a ausência de armas adequadas era compensada pela fé que tinham na promessa divina: “Quando saíres à peleja contra teus inimigos, e vires cavalos, e carros, e povo maior em número do que tu, deles não terás temor; pois o SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, está contigo”. (Deuteronômio 20:1)

Muitos outros são os versículos bíblicos do Antigo Testamento que se referem a Deus como “Senhor dos Exércitos”, e da mesma forma, relatam as batalhas que o

povo de Israel enfrentou, confrontando seus inimigos de maneira impiedosa, durante sua peregrinação. A IURD apropria-se de certos elementos distintivos que remetem ao primeiro testamento e adota termos que remetem ao caráter belicoso dos israelenses à época, como guerra santa, fogueira santa, cruzada da fé, batalha da fé, entre outros.

Esse alinhamento discursivo é adequado para posicionar a instituição e seus seguidores como o povo escolhido para retomar as batalhas contra as forças do mal, haja vista sua necessidade cotidiana de reafirmar a premência de sua luta contra religiões de matriz africana, indígenas e demais religiões pagãs, a representação dos males na Igreja Universal.

Do mesmo modo, coaduna com os interesses da Universal de representar o poder de Deus na terra, por meio de seus representantes e dos elementos simbólicos da religiosidade cristã aos quais associa sua imagem. Exemplo maior disso é o Templo de Salomão, réplica da construção bíblica de mesmo nome, construído em São Paulo entre 2010 e 2014.

O resgate das batalhas do povo de Israel e a apropriação de elementos da simbologia religiosa relacionam-se diretamente aos objetivos da IURD de ser a herdeira legítima das promessas de Deus, e seus fiéis, o povo eleito. Lucia Santaella defende que:

(...) a utilização de símbolos e rituais ligados ao Antigo Testamento e ao judaísmo serve para conquistar novos fiéis e seguidores e está implícita na simbologia de poder. (...) O Novo Templo de Salomão busca simbolicamente a grandeza do antigo rei de Israel em seus dias de glória, e sua riqueza e suntuosidade são símbolos da sabedoria bem-sucedida, que provém da obediência e submissão a Deus, que retribui a fidelidade com bonança. Constitui-se, assim, uma versão contemporânea da teologia da prosperidade: quem é crente, temente e fiel a Deus, inclusive nos dízimos que paga, terá como retorno sua própria prosperidade material. (P. 107).

Assim, ao utilizar o discurso que remete ao Antigo Testamento, a Universal defende a ideia de que Deus ainda mantém uma relação estreita com seu povo e a eles relegou a missão de salvar o mundo do mal. Mariano defende que deste modo, seus fiéis sentem-se imbuídos na batalha contra o demônio e suas forças malignas: Voluntariamente engajados no lado divino, crêem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal. (Mariano, 2021, p. 113) Diante de tal concessão divina, a membresia toda sente-se

no dever de se manter vigilante e preparada para enfrentar o inimigo a qualquer momento.

#### **4.5 A IURD a seu papel de Aparelho Ideológico do Estado**

Na obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1970), o filósofo francês Louis Althusser aborda algumas temáticas que o conduzem à ideia principal a respeito desses aparelhos, a reprodução social, a reprodução das relações de produção, a superestrutura e a ideologia. Segundo ele, o Estado constitui-se então por um conjunto de instituições ou de atribuições, dentre as quais, o destaque é para a legitimidade para o uso da violência como poder de coerção.

Segundo Althusser, para exercer seu poder e cumprir com seus objetivos, o Estado se utiliza do que Marx define como Aparelhos de Estado (AE). Para Marx, o aparelho do Estado é composto pelo governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões e demais instituições por meio das quais o Estado participa do universo social de todo sujeito.

Althusser defende que a classe dominante cria meios de reprodução e perpetuação das posições ideológicas e políticas de exploração. As classes dominantes operacionalizam então dois polos que lhes asseguram a manutenção das estruturas de dominação, que são os Aparelhos Repressores de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

Os primeiros (ARE), que Marx define apenas como AE, são compostos pelo governo, exército, a polícia, os tribunais, as prisões, a administração e demais instituições que eventualmente detêm o monopólio da violência. Os seguintes são os AIE, dos quais fazem parte institucionalmente a escola, a religião, a cultura ou informação, a família, a política, o direito e os sindicatos. (ALTHUSSER, 1970, p. 57)

De acordo com a especificidade de cada um eles operam por meio da repressão e da ideologia, de modo que ambas as dimensões são articuladas, uma mais do que a outra, conforme a natureza e objetivos do respectivo aparelho. Se a ideologia não se mostra suficiente, os aparelhos repressivos do Estado são postos em funcionamento.

E sendo a igreja uma instituição que representa um dos aparelhos ideológicos do Estado, seus líderes estabelecem as normas e princípios a serem seguidos por seus fiéis por meio de elementos disponíveis no âmbito da cultura religiosa, haja vista a tradição cristã predominante no Brasil. Não se questiona então a estrutura, as

determinações ou os posicionamentos de pastores e bispos da IURD, pois estes assumem a posição de alguém que fala em nome de Deus.

A contrariedade por parte da membresia poderia parecer herética, uma vez que a igreja, na condição de AIE, está investida do poder de colocar os sujeitos em contato direto com o Todo Poderoso, sem qualquer outro interesse que não a salvação de seus seguidores. Assim, a ideologia serve como uma justificativa para a dominação, na medida em que a autoridade da liderança religiosa é assegurada pela crença nos sistemas políticos que lhe conferem a legitimidade para exercício de seu papel.

#### **4.6 O não-dito e o pré-construído**

Então, para além do conteúdo expresso no texto devemos nos atentar para o que não está aparente, fizemos a escolha de centrar nossa análise nos conceitos de análise da ADF acerca do dito e do não-dito. Em vista do que Orlandi defende, acerca das relações entre o dito e o não-dito e os modos como isso deve ser explorado na análise, tanto o pressuposto como o subentendido podem nos dar indícios da presença de determinado sujeito articulador do discurso (2006, p. 82).

Interessa então ao analista o confronto entre o dito e o não-dito, o que se diz em determinado contexto e o que se diz em outro, o que se diz de uma maneira e o que se diz de outra maneira, com o objetivo de identificar naquilo que é dito mais do que aquilo que suas palavras expressam, de modo a compreender os sentidos do que se enuncia. Assim:

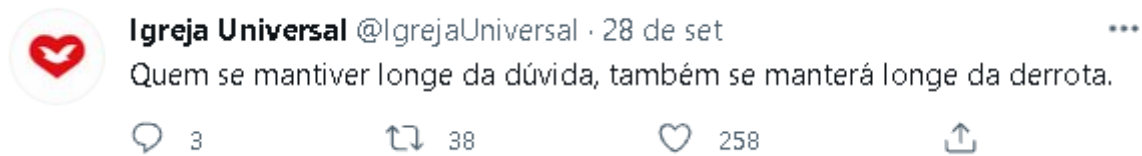
(...) entende-se que os sentidos podem ser lidos num texto mesmo não estando ali, sendo de suma importância que se considere tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, que não é dito, mas é significado. (SILVA, 2008, p. 41)

Orlandi orienta (2006, p. 82) que na ADF há noções e preceitos que abrangem o não-dizer e não podem ser postos de lado no momento da análise, quais sejam: a noção de interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva, os quais já abordamos anteriormente.

Corroborando o que defende Silva (2008, p. 43) a respeito do pré-construído, a produção de sentidos se dá na relação entre o dito e o não-dito, de modo que os significados de seus discursos são compostos a partir das formações discursivas, as quais atuam por meio da memória discursiva ali constituída.



**Figura 1: Mensagem postada pela IURD em 28/09/2021**



**Fonte: Página da IURD no Twitter (2021)**

Se tomarmos como exemplo o escrito, retirado de uma postagem da IURD no Twitter em 28 de setembro de 2021, temos a mensagem explícita desencorajando o seguidor a fazer questionamentos ou a ter uma postura cética, caso queira ficar longe de decepções ou derrotas.

Neste caso, o pressuposto é “quem duvida é perdedor”, ou “quem muito questiona, se decepciona”. Quanto ao subentendido, podemos crer que a igreja não estimula a busca pelo conhecimento, apregoando que este só traz sofrimento, desestimulando então entre seus seguidores a busca por informações que não sejam as produzidas ou transmitidas pelos canais controlados pela IURD.

Mas há outra forma por meio da qual Orlandi orienta a conduzir uma análise, que é pelo silêncio ou pelo silenciamento. É o mesmo silêncio que Steiner (1988) denuncia em relação à perseguição a não-cristãos por parte da igreja católica; o silenciamento da Real Força Aérea da Grã-Bretanha e da Força Aérea dos Estados Unidos, que mesmo sabendo a respeito das câmaras de gás não as bombardearam, tampouco o fizeram com as ferrovias que levavam os judeus até Belsen, Auschwitz e Treblinka. Para Steiner, tais medidas, se adotadas, poderiam significar a diferença entre a sobrevivência e a execução “(...) mesmo um dia de interrupção das câmaras de gás teria significado a vida de 10 mil seres humanos” (p. 191).

Trata-se do silenciamento como omissão, como forma de superar um terror intraduzível em palavras, como resposta à tortura ou ainda como aquiescência ou obediência. Orlandi defende que tais formas de silenciamento eventualmente dizem mais sobre o discurso do que o que está evidente e classifica-as como:

(...) o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não dizer: se digo “sem medo” não digo “com coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer. (2003, p. 83)

No caso desta frase publicada na rede social da igreja, o que se procura silenciar é a eventual curiosidade do fiel em buscar respostas ou questionar a

mensagem do pastor ou do administrador da rede social, cujo objetivo pode ser o de manter seus seguidores na ignorância, seja ela em relação às pregações ou às informações e notícias divulgadas pela IURD.

Desta maneira, o acesso ao conhecimento se dá somente por meio das fontes indicadas pela autoridade religiosa. Então, o público-alvo de suas publicações é, habitualmente, quem compartilha os mesmos saberes ou faz parte da mesma formação discursiva.

Assim, mesmo quando analisamos um discurso tendo em vista os seus pressupostos e subentendidos, o silêncio do sujeito enunciador pode trazer elementos de sentido que mesmo sendo formulados por uma construção involuntária, trazem-nos marcas distintivas da formação discursiva onde ele foi originado.

#### **4.7 Postagens no Twitter**

Este trabalho estuda imagens e textos postados pela IURD em sua página no Twitter. Levaremos em consideração a imagem sob a perspectiva de Orlandi (2003) enquanto prática ou estratégia discursiva. Neste aspecto, a prática discursiva permite que a imagem fotográfica, seja ou não ela manipulada, se insira no âmbito das mais diversas linguagens, evidenciando suas semelhanças e pontuando suas diferenças constitutivas, a partir do caráter específico dos processos de significação de tais linguagens.

O perfil oficial da IURD no twitter demonstra que a página é utilizada para finalidades variadas, com a promoção de ações sociais e de eventos de agenda, sendo que o discurso bélico é utilizado como elemento de motivação da ação religiosa de seus fiéis e seguidores.

Cabe ressaltar que não são todas as postagens da Universal que apresentam características bélicas. Algumas delas são apenas informativas ou trazem a belicosidade no nível dos pressupostos e subentendidos. O recorte de nossa análise explora aspectos das estratégias de comunicação e marketing da IURD que perpassam suas principais mídias (perfil no twitter e facebook, página na Internet, TV Record, emissoras de rádio e outras), integrando-as e estabelecendo um posicionamento institucional, que busca agregar seus seguidores por meio de suas ações e pregações, independentemente do canal utilizado.

A identificação das diferenças evidentes entre as diversas linguagens presentes nas mensagens da IURD na plataforma nos permite discutir a produção de

sentidos mesmo que sem a existência de elementos verbais ou sem a predominância destes no discurso analisado, uma vez que o que tratamos aqui é da imagem como prática discursiva, tendo em vista sua materialidade, considerando seus processos de significação.

Partimos do pressuposto de que uma imagem envolve efeitos de sentido que decorrem não somente do que se percebe ou do que está explícito, mas dos outros dizeres impressos, por meio do interdiscurso que traz para o seu discurso outros contextos históricos, produzindo sentidos que superam a literalidade do que está dito.

Para Walter Benjamin a significação política das fotografias reside em serem elas indícios documentais do processo histórico: “A contemplação livre não lhes é adequada. Elas inquietam o observador, que pressente que deve seguir um caminho definido para se aproximar delas” (1987, p. 174). Cabe então ao produtor/ enunciador imprimir na imagem o efeito de sentido que pretende produzir, dispondo os elementos de composição e simbólicos de maneira a transmitir a mensagem que deseja divulgar, seja expressando-a de modo explícito ou implícito, recorrendo à memória discursiva para evocar os saberes que permitam ao destinatário experimentar os sentimentos que a imagem suscita.

Como já mencionado, as imagens postadas são provenientes de bancos de imagens e, assim, são produzidas para criar um cenário ou simular uma realidade simbólica. Segundo Baudrillard (1981, p. 14), a simulação refere-se à adição de elementos de fantasia a determinada realidade. Pode-se simular emoções, sensações, sentimentos ou virtudes, como dor, raiva, coragem, mesmo que o ator da cena não seja dotado de tais qualidades ou não sinta tais emoções/ sensações. A dissimulação corresponde à retirada de tais elementos fantasiosos de uma realidade, fazendo crer que algo existente é falso ou inexistente. O simulacro, por outro lado, não se relaciona com a realidade, a substitui, é uma realidade imaterial, simbólica, que substitui a materialidade do mundo real por algo que o autor classifica como uma estratégia de real, ou o hiper-real.

O efeito de sentido pretendido com tais mensagens utilizadas pela Universal busca o entendimento do destinatário por meio da construção do simulacro construído a partir da linguagem empregada. No caso da imagem fotográfica, os elementos de composição, como luzes, enquadramentos, ângulos, formas, texturas, conferem ao discurso significados e relações que partem da superficialidade da imagem e

penetram no universo simbólico do destinatário, por meio da memória discursiva, de modo a permitir-lhe a apreensão de seu significado.

Enquanto a mensagem escrita, no plano da expressão, traz organizados os elementos constitutivos de um texto para transmitir o sentido pretendido, a fotografia, com seus elementos composicionais, produz um simulacro da realidade que o fotógrafo capturou com sua câmera, de modo intencional, com o intuito de transmitir alguma mensagem documental ou conceitual que reflita as ideias, conceitos, valores e a ideologia do sujeito que fizer uso da imagem produzida, adequada ao respectivo contexto.

Com a fotografia, dado seu caráter figurativo, o sujeito da mensagem faz uso dos recursos de arranjo da imagem e da proximidade do destinatário para manipular o seu olhar, de modo que este ao percebê-la sinta-se incluído na cena. O percurso narrativo conduz o olhar do enunciatário desde a periferia, pelas bordas até o centro, pelos caminhos sugeridos a partir da composição da cena, em um jogo manipulatório, de modo que se produza nele o efeito desejado pelo enunciador.

#### **4.8 Análise do pré-construído**

Iniciamos nossa análise pela publicação da IURD em sua página no Twitter dia 22/06/2019, da fotografia que traz um guerreiro medieval no campo de batalha.

**Figura 2: Postagem da IURD no Twitter em 22/06/2019**



**Fonte: Página da IURD no Twitter (2021)**

A direção do corpo e do olhar do soldado indicam que este olha ou segue para a direção do olhar, sem que possamos ter certeza de seu movimento, por não podermos ver suas pernas, em razão da escolha pelo enquadramento fotográfico no plano americano - enquadra o corpo do personagem da fotografia até um pouco abaixo da cintura (GFC Global, 2021).

Quanto ao ângulo da câmera, o posicionamento do fotógrafo em um plano inferior busca valorizar o ator da cena, dando-lhe um ar de imponência, o que condiz com a ideia que se tem de um guerreiro, como sendo alguém que parte para a batalha sem temor.

A noção de que o soldado esteve em batalha há bem pouco tempo, é trazida pelo sangue (aparentemente fresco – não coagulado) salpicado em seu elmo e escudo. O que nos leva a crer que o guerreiro não está mais em batalha, estando possivelmente em marcha, é a forma como segura sua espada, com a ponta virada para baixo.

Certos elementos da composição ratificam a postura de vencedores. Eles são a chuva que cai sobre o personagem, acompanhada de um relâmpago, que se projeta por trás dele, à sua esquerda, enquanto à frente, em seu lado direito, um feixe de luz solar, que eventualmente escapa por entre nuvens em tais cenários, projeta-se sobre seu ombro, como que dando destaque à figura, ou ainda, considerando o contexto, conferindo-lhe uma aura de santidade ou de proteção divina.

Quanto ao texto, sobre a foto há uma citação bíblica em caixa alta: “TOMAI TAMBÉM O CAPACETE DA SALVAÇÃO, E A ESPADA DO ESPÍRITO, QUE É A PALAVRA DE DEUS” Efésios, 6:17.

Trata-se de uma citação da carta que teria sido escrita por Paulo aos Efésios. A carta traz uma série de ensinamentos relacionados às relações familiares, e conclama os cristãos a se unirem, abandonando os prazeres materiais em detrimento da espiritualidade. (SILVA, 2009)

Como os demais textos bíblicos, o caráter simbólico da mensagem é evidente, e outros trechos também chamam a atenção por serem até mais contundentes quanto à batalha espiritual que devem travar: “Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”. (Efésios, 6:11-12).

O texto afasta-se da ideia literal de uma guerra nos moldes daquelas relatadas no Antigo Testamento, quando os israelenses, em sua viagem rumo à Terra Prometida, eram instados a lutar contra os seus inimigos, em batalhas sangrentas e cruéis. Muito embora os signos espada, capacete e armadura, que as citações nos trazem, remetam à figura do guerreiro e à ideia de batalha, o uso do termo “palavra de Deus” traz em si a alusão à mensagem bíblica, contrapondo-se a ideia de necessidade de uma batalha no sentido literal. A força expressiva da imagem de guerra é transformada pelo sentido das palavras, fazendo crer que o terreno destas batalhas é o plano espiritual. Independente disso, porém, o sentido bélico vai se

formando na comunidade e a guerra deixa de ser algo longínquo e malévolos para ser parte dos desígnios divinos.

Acima da imagem, segue a frase que introduz a mensagem postada: “Portanto, é preciso estar atento a todos os ataques do mal e blindar a fé ocupando a mente com os Pensamentos de Deus, que são adquiridos por intermédio da leitura diária da Sua Palavra”.

O trecho “é preciso estar atento” reforça a necessidade da eterna vigilância ante as forças do mal, pois segundo Mariano, as religiões de matriz africana são os alvos preferidos dos neopentecostais e segundo eles: o Diabo e seus asseclas agem no “mundo material” por meio dessas religiões, de seus adeptos idólatras e de outras agências satânicas, para levar os seres humanos à perdição. Daí a premente necessidade de combatê-los. (MARIANO, 2014, p. 113).

O excerto que encerra a frase, a partir de “... e blindar a fé...” se conecta à imagem e à citação bíblica, quando esta última associa a espada com a “palavra de Deus”, numa alusão aos escritos bíblicos. A blindagem à fé sugerida, reafirma a agressividade do discurso, na medida em que aciona a memória discursiva que associa o termo à violência, pois um carro blindado o é em razão da violência, para evitar que por sua estrutura atravessem balas de armas de fogo. No mesmo trecho o sujeito sugere ao enunciário que para permanecer longe dos “ataques do mal”, deve manter sua mente ocupada, lendo diariamente a bíblia.

**Figura 3: Postagem da IURD no Twitter em 08/04/2021**



**Fonte: Página da IURD no Twitter (2021)**

Como primeiro destaque dessa análise, trazemos o não-dito sobre as origens da pesquisa sobre a qual trata o post. Não existe a “Organização” Portas Abertas, mas sim a “Missão Portas Abertas”, uma organização fundada durante a Guerra Fria (1955) por um missionário holandês conhecido como “Irmão André” que, após sofrer torturas na então União Soviética, saiu de lá e passou a combater o comunismo, produzindo bíblias para serem contrabandeadas em países da cortina de ferro e recebendo apoio de países capitalistas no resgate que chamou de “Igreja Perseguida”. Diferente, portanto, de uma organização registrada sobre pesquisas, a Missão tem outros objetivos. Neste sentido, a metodologia da pesquisa apresentada não é esclarecida na página oficial da Missão (<https://portasabertas.org.br/>), o que é incongruente com um órgão capacitado a gerar tais dados.

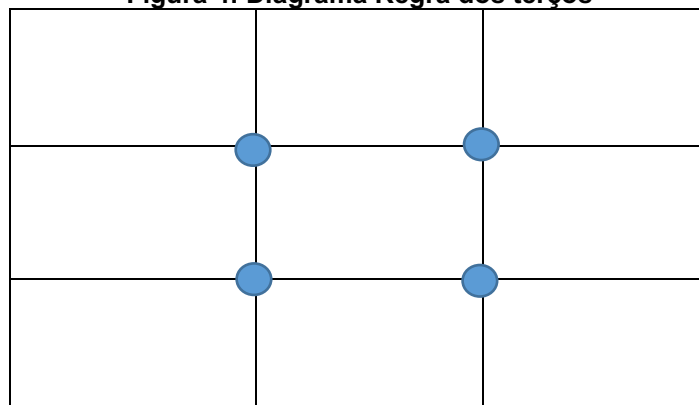


Quanto à imagem, de 08 de abril de 2021, apresenta um homem vendado, vestido com uma camiseta escura, em um tom de preto, segurando um livro que pode ser a bíblia, com as mãos algemadas. O ator foi fotografado à frente de um fundo escuro, quase preto, sobre o qual incide uma luz central tornando cinza a área iluminada. A posição do personagem é à esquerda da imagem, um pouco deslocado do centro, com a cabeça levemente inclinada para cima, como se olhasse para o céu, apesar da venda.

O fundo escuro confere à cena um ar dramático e a luz central torna-o acinzentado, causando um efeito de afastamento do sujeito fotografado, valorizando-o como elemento principal do quadro. A roupa preserva a dramaticidade e sugere simplicidade, mas a cor preta, devido a aspectos culturais, também remete a tristeza, luto, noite, associando assim a vestimenta ao fundo de mesma cor e imprimindo dureza à cena. No âmbito da simbologia, a cor preta pode representar sentimentos negativos e depreciativos, (...) é a cor mais sombria, ou até mesmo a negação à própria cor, e emblematicamente traz a ideia de nada, da extinção, de vazio (...) revela, entre tantas outras coisas, a morte. (MOCERI, 2021, p. 70)

Quanto ao posicionamento do ator na fotografia, é seguida pelo fotógrafo (enunciador) uma regra de composição fotográfica chamada regra dos terços (Figura 4), dividindo "(...) o quadro numa grade de nove retângulos iguais. Os pontos-chave da tomada são colocados em uma ou mais das interseções, enquanto as linhas-chave horizontais ou verticais acompanham as linhas de grade". (HEDGE COE, 2013, 179) Deste modo, o objeto principal da imagem deve ficar deslocado do centro, posicionado ao menos sobre um dos pontos de cruzamento das linhas, para que seja valorizado adequadamente e para que a imagem fique mais harmônica, conforme é possível observar na figura 5.

**Figura 4: Diagrama Regra dos terços**



**Fonte: Autoria própria (2021)**

**Figura 5: Fotografia - Regra dos terços**



Fonte: <https://dgup.com.br/regra-dos-tercos/>

O personagem segurando um livro que seria a bíblia, evoca saberes do destinatário que lhe sugerem se tratar de um homem religioso. Por sua vez, as algemas associadas às vendas retratam a crueldade sofrida pelo personagem, que além de privado do sentido da visão, também está com os movimentos das mãos limitados. É o indicativo que associa a violência das privações que lhe são impostas à religiosidade simbolizada pela bíblia.

Mesmo com as limitações decorrentes das algemas e da venda, o homem ainda segura a bíblia nas mãos, num indício de que pode ser ela a causa de sua condição. Por fim, o olhar vendado, com a cabeça voltada para cima, sugere a ideia de súplica, enquanto a boca entreaberta pode indicar que o sujeito do quadro faz uma oração.

A imagem é precedida de um texto, o qual repete a legenda da imagem, que serve como link para uma matéria publicada na página da Universal na Internet. Nestes casos, o enunciador copiou o endereço da matéria na Internet e postou como um link, e o aplicativo trouxe a imagem e a legenda. O texto traz o título e a frase seguinte introduz a notícia, que diz respeito à perseguição sofrida por cristãos no mundo todo.

Acessando-se a matéria, constata-se que é dado destaque para os países da África, China e Índia, como locais onde tal perseguição é crescente. Para complementar a informação da matéria, é exibido um quadro com os 50 países onde a perseguição a cristãos é maior. O único país da Europa que aparece na lista é a Turquia, com a vigésima quinta posição entre os 50 países, enquanto o Brasil não é mencionado em toda a notícia.

O texto postado para introduzir o link indica que a informação é proveniente de levantamento da ONG Portas Abertas, mas omite tratar-se de fenômeno que atinge o mundo todo, podendo fazer crer que qualquer cristão do mundo está em risco. O mesmo não ocorre com o texto do link, pois este, preservando suas características de hipertexto, permite a navegação rápida da plataforma do Twitter para a página onde a notícia encontra-se hospedada, conforme defende Lévy (1999, pág. 24), que define hipertexto como um bloco de textos conectados por links que podem ser acessados instantaneamente.

A mensagem postada e a legenda da imagem conectam-se com os elementos que dão sentido à fotografia, pois corrobora a interpretação de que há perseguição a cristãos no mundo, em uma repetição que reforça a mensagem, pois está presente em toda a mensagem, na introdução, na fotografia e no hipertexto que conduz à matéria original. Por outro lado, o sujeito do discurso silencia ao não mencionar que este é um fenômeno que não é comum a cristãos do mundo todo.

Por meio do acesso à memória discursiva, atribuímos ao discurso em questão alguns sentidos: o de que cristãos são historicamente perseguidos, pela profissão de sua fé; o que busca a identificação do destinatário da mensagem com os cristãos que são perseguidos por causa de sua religião; e a ideia de que quando se persegue alguém em razão de sua fé a consequência pode ser a morte do indivíduo perseguido, informação que é reforçada pela leitura da matéria, segundo a qual o número de cristãos mortos aumentou 60% de 2019 (2983) para 2020 (4761).

**Figura 6: Postagem da IURD no Twitter em 21/05/2021**



Fonte: Página da IURD no Twitter (2021)

A postagem feita na página da IURD em 21/05/2021 traz a imagem do tronco de um homem segurando uma espada com as duas mãos, enquanto segura também, junto ao corpo, apoiado no antebraço direito, uma bíblia, haja vista a inscrição em inglês Holy Bible (bíblia sagrada, em tradução livre).

Quanto ao não-dito, o que é frequente nos posts observados, não se explica qual é o “mal” contra o qual se deve lutar, o que nos conduz às características fundantes da Igreja: o absolutismo em exterminar os demônios do mundo. Assim, a espada, que deixa de ser metafórica para se apresentar fisicamente, implanta a importância desse pensamento bélico, materializado no post, para a vitória proposta pela IURD, que condensa o materialismo (prosperidade) com a espiritualidade (matar demônios).

**Figura 7: Postagem da IURD no Twitter em 26/08/2021**



**Fonte: Página da IURD no Twitter (2021)**

Este último post foi inserido no sentido de demonstrar a análise feita no anterior, com a mesma formação ideológica, em outra imagem e texto. Neste sentido, este trabalho pretende ser provocador de outras pesquisas do gênero, apontando que há um farto material, premente de análise, no Twitter da IURD.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as imagens e mensagens da IURD postadas no Twitter, percebemos que o discurso assume significados por meio da compreensão de sua enunciação pelos atores que compõem aquela formação discursiva, no caso, os moderadores da página da igreja na rede social e seus seguidores. A relação de dependência existente entre enunciadores e enunciatários torna a mensagem não apenas acessível, mas também parte de um discurso que corrobora suas convicções, uma vez que grande parte dos seguidores da página são fiéis da igreja ou simpáticos a ela.

A escolha de postagens que contivessem elementos visuais além dos verbais se deu em razão da possibilidade de articulação de campos cujas linguagens (verbal e fotográfica) podem ser utilizadas de maneira a permitir a rápida apreensão dos seus significados. Em alguns casos a junção da fotografia com o texto serve para o sujeito homogeneizar as duas linguagens em uma formulação cuja intenção é costurá-las, de modo a imprimir-lhes um único sentido ou até mesmo um novo sentido. Trata-se de transmitir às imagens a fluidez textual e sintagmática da linguagem verbal.

A Análise do Discurso Francesa constituiu-se em um eficaz referencial teórico para o desvendamento dos possíveis sentidos inscritos nas imagens fotográficas - sejam elas manipuladas digitalmente, como a primeira analisada (figura 2), ou apenas produzidas em um estúdio – bem como nos textos que as acompanham, pois não trabalha apenas com os elementos simbólicos aparentes, mas também permite que se perceba sua opacidade, retirando destes a ilusória clareza que eles teriam e situando-os como objetos em que os sentidos podem atribuir-lhes outros significados, até mesmo imprevisíveis.

Assim, nosso estudo foi facilitado a partir do entendimento, proporcionado pela ADF, de que o aspecto não-verbal do discurso fotográfico conecta nossos sentidos à rede de funcionamento da memória discursiva, pois é através desta que a mensagem produz seus sentidos, para além da intencionalidade do enunciador, uma vez que se une aos saberes do destinatário produzindo novos possíveis sentidos.

Da mesma forma, permitiu-nos a compreensão de que o discurso verbal se articula por meio de elementos discursivos como a intertextualidade, por exemplo, para a evocação de conhecimentos presentes no enunciatário também pela memória

discursiva, para a construção de significados, conforme a disposição do sujeito enunciador, em nosso caso a IURD.

Na primeira postagem analisada, o discurso bíblico é apresentado fora de seu contexto original e ressignificado, em prol do interesse comunicativo do enunciador. Tal interesse corresponde ao que a Universal espera de seus fiéis e é acentuado pelo aspecto beligerante dos termos adotados: guerra, batalha, espada, escudo, capacete, ataques e outros termos mencionados.

Esta retórica confirma a necessidade que a IURD tem de manter seus membros sempre dispostos a enfrentar batalha diária contra as forças do mal. E isso se dá, segundo eles, por meio da leitura da bíblia, da participação nas rotineiras reuniões (cultos) e demais eventos por ela promovidos. O belicismo verificado no recorte que adotamos para esta pesquisa também está presente nas referências a outras formas do fiel obter informação, se distrair, ou gozar do seu lazer, quando lhe é dito para blindar sua fé mantendo a mente ocupada com os pensamentos de Deus, do contrário, estará sujeito aos ataques do mal.

O discurso bélico exerce uma função imprescindível de persuasão, conforme a doutrina da Universal, apelando à razão e à emoção, com vistas a atender a expectativa do enunciador, pois articula princípios, valores e crenças de sua membresia e de seus seguidores no Twitter. A persuasão se consolida pela figura do enunciador, Deus, que é evocado pelo sujeito do discurso, cuja palavra (as citações e referências bíblicas) confere validade e imprime um selo de veracidade ao que é dito em Seu nome.

Acreditamos que esse estudo pode servir como uma reflexão acerca da participação e atuação de entes religiosos e/ ou políticos em redes sociais, sobre a forma de interação destes com seus seguidores e sobre o modo como a linguagem empregada pode revelar interesses e indicar ideologias.

Entender que esta nova forma de organização de grupos sociais, de suas ideias e práticas discursivas está em um fluxo de constantes mudanças, nos permitirá compreender a reconfiguração dos espaços de produção simbólica, em que seus agentes empregam métodos de se comunicar com seus seguidores, de modo a consolidar e ampliar seu poder simbólico e sua participação, para além do âmbito religioso e político.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>. Acesso em 05/09/2021>.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Ed. Presença/ Martins Fontes, 1970.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Ed. Relógio d'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_, Walter. Paris, a capital do século XIX. In BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

Bíblia online. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/js/11>>. Acesso em 27/01/2022.

CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CERQUEIRA, Claudia. Igreja como partido: a relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YWZWKnDk6LwvPpbSZ3PRnVQ/#2021>>. Acesso em 02/10/2021.

DIAS, Júlio César Tavares. As religiões afro-brasileiras no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus: A reinvenção do Demônio. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Recife: UNICAP, 2012. Disponível em: <[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/326/1/Dissertacao\\_Julio\\_Cesar\\_Tavares\\_Dias.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/326/1/Dissertacao_Julio_Cesar_Tavares_Dias.pdf)>. Acesso em 26/06/2021.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico)

GCFGlobal. Disponível em: <<https://edu.gcfglobal.org/pt/curso-de-fotografia-digital/>>. Acesso em 22/01/2022.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

HEDGECOE, John. O novo manual da fotografia. Trad. Assef Nagib e Alexandre Roberto de Carvalho. 4 ed. Editora Senac: São Paulo, 2013.



HUGO, Victor. Do grotesco e do sublime. 2. reimpr. da 2. ed. de 2002. São Paulo: Perspectiva, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010.

IURD. Manual de redes e mídias sociais. 2019. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/portalwp/wp-content/uploads/20190902161649/Manual\\_Redес\\_Sociais\\_V2\\_0.pdf](https://s3.amazonaws.com/portalwp/wp-content/uploads/20190902161649/Manual_Redес_Sociais_V2_0.pdf)>. Acesso em 10/09/2021.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAINGUENEAU, D. Discurso e análise do discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MOCERI, Fernanda. Reação à cor: A cor como forma de expressão. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-11012022-110210/publico/TEFERNANDAGONCALVESMOCERI\\_REV.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-11012022-110210/publico/TEFERNANDAGONCALVESMOCERI_REV.pdf)>. Acesso em 05/02/2022.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise de argumentação em perspectiva discursiva. Dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. 1998. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270593>>. Acesso em 26/06/2021.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORO, Ari Pedro. A política da igreja universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 18, n. 53, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/n7JKdMPyTKH7yBBFSgr6PhP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 25/06/2021.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PEÑA-ALFARO, Alex Antonio. Estratégias de persuasão em um discurso religioso neopentecostal. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade Federal de Pernambuco. 2005. Disponível em: <[https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/7707/1/arquivo8402\\_1.pdf](https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/7707/1/arquivo8402_1.pdf)>. Acesso em 26/06/2021.

SANTAELLA, L.; DENDASCK, C.; FERRARO, D. Leitura semiótica do Templo de Salomão e o consumo da fé. Signos do Consumo, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 94-110, jan./jun. 2021.

SILVA, O. S. F. (2009). Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 13(14). <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v13i14.3007>.

SILVA, Côn.º Pedro da Silva. A carta aos Efésios. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/a-carta-aos-efesios/>. Acesso em 28/01/2022.

STEINER, George. *Linguagem e Silencio: ensaio sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo. *Revista Religião & Sociedade*, 27(1), 114-131. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/r4Y4FWByVPnrKnRBwsbwXxq/?lang=pt>. Acesso em 26/06/2021.

## ANEXO A - Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos

### LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998<sup>1</sup>.

Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

#### Título I - Disposições Preliminares

Art. 1º Esta Lei regula os direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos.

Art. 2º Os estrangeiros domiciliados no exterior gozarão da proteção assegurada nos acordos, convenções e tratados em vigor no Brasil.

Parágrafo único. Aplica-se o disposto nesta Lei aos nacionais ou pessoas domiciliadas em país que assegure aos brasileiros ou pessoas domiciliadas no Brasil a reciprocidade na proteção aos direitos autorais ou equivalentes.

Art. 3º Os direitos autorais reputam-se, para os efeitos legais, bens móveis.

Art. 4º Interpretam-se restritivamente os negócios jurídicos sobre os direitos autorais.

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

I - publicação - o oferecimento de obra literária, artística ou científica ao conhecimento do público, com o consentimento do autor, ou de qualquer outro titular de direito de autor, por qualquer forma ou processo;

II - transmissão ou emissão - a difusão de sons ou de sons e imagens, por meio de ondas radioelétricas; sinais de satélite; fio, cabo ou outro condutor; meios óticos ou qualquer outro processo eletromagnético;

III - retransmissão - a emissão simultânea da transmissão de uma empresa por outra;

IV - distribuição - a colocação à disposição do público do original ou cópia de obras literárias, artísticas ou científicas, interpretações ou execuções fixadas e fonogramas, mediante a venda, locação ou qualquer outra forma de transferência de propriedade ou posse;

V - comunicação ao público - ato mediante o qual a obra é colocada ao alcance do público, por qualquer meio ou procedimento e que não consista na distribuição de exemplares;

VI - reprodução - a cópia de um ou vários exemplares de uma obra literária, artística ou científica ou de um fonograma, de qualquer forma tangível, incluindo qualquer armazenamento permanente ou temporário por meios eletrônicos ou qualquer outro meio de fixação que venha a ser desenvolvido;

VII - contrafação - a reprodução não autorizada;

VIII - obra:

a) em co-autoria - quando é criada em comum, por dois ou mais autores;

b) anônima - quando não se indica o nome do autor, por sua vontade ou por ser desconhecido;

c) pseudônima - quando o autor se oculta sob nome suposto;

d) inédita - a que não haja sido objeto de publicação;

e) póstuma - a que se publique após a morte do autor;

f) originária - a criação primígena;

g) derivada - a que, constituindo criação intelectual nova, resulta da transformação de obra originária;

h) coletiva - a criada por iniciativa, organização e responsabilidade de uma pessoa física ou jurídica, que a publica sob seu nome ou marca e que é constituída pela participação de diferentes autores, cujas contribuições se fundem numa criação autônoma;

i) audiovisual - a que resulta da fixação de imagens com ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de sua captação, do suporte usado inicial ou posteriormente para fixá-lo, bem como dos meios utilizados para sua veiculação;

IX - fonograma - toda fixação de sons de uma execução ou interpretação ou de outros sons, ou de uma representação de sons que não seja uma fixação incluída em uma obra audiovisual;

X - editor - a pessoa física ou jurídica à qual se atribui o direito exclusivo de reprodução da obra e o dever de divulgá-la, nos limites previstos no contrato de edição;

XI - produtor - a pessoa física ou jurídica que toma a iniciativa e tem a responsabilidade econômica da primeira fixação do fonograma ou da obra audiovisual, qualquer que seja a natureza do suporte utilizado;

XII - radiodifusão - a transmissão sem fio, inclusive por satélites, de sons ou imagens e sons ou das representações desses, para recepção ao público e a transmissão de sinais codificados, quando os meios de decodificação sejam oferecidos ao público pelo organismo de radiodifusão ou com seu consentimento;

XIII - artistas intérpretes ou executantes - todos os atores, cantores, músicos, bailarinos ou outras pessoas que representem um papel, cantem, recitem, declamem, interpretem ou executem em qualquer forma obras literárias ou artísticas ou expressões do folclore.

Art. 6º Não serão de domínio da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios as obras por eles simplesmente subvencionadas.

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm).